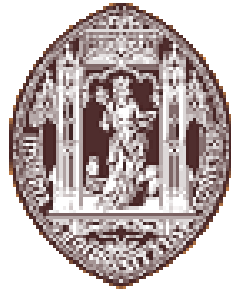


UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO
FÍSICA**



**IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS LÚDICAS
E RECREATIVAS EM IDOSOS**

**JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DA
FREGUESIA DE PERNES**

Monografia coordenada por: Prof. Doutor Paulo Coelho de Araújo

Monografia orientada por: Mestre Ana Rosa Fachardo Jaqueira

Frederico Eduardo Marques de Oliveira Afoito Ribeiro

Coimbra, 2005

*Não sou esperto nem bruto
Nem bem nem mal educado
Sou simplesmente o produto
Do meio em que fui criado.*

António Aleixo

RESUMO

Este estudo teve como principal objectivo identificar os jogos, brinquedos e brincadeiras dos idosos durante a sua infância, na Freguesia de Pernes, e caracterizar o contexto sócio-político e cultural da época, para sabermos até que ponto este interferia ou condicionava de alguma forma as actividades lúdicas das crianças. O estudo teve como amostra dez idosos, com idades compreendidas entre os 71 e 91 anos, utentes da instituição Santa Casa da Misericórdia de Pernes. A técnica utilizada para a colecta de dados foi a entrevista semidirectiva, com questões relacionadas com a caracterização pessoal, a situação sócio-político-cultural do país, e a identificação dos jogos, brincadeiras e brinquedos, na época em que viveram a sua infância, abordando a forma como estas actividades lúdicas eram efectuadas. Após a recolha da informação, procedeu-se à metodologia de análise do conteúdo do material recolhido nas entrevistas, tendo-se procedido à sua categorização, de forma a simplificar a análise dos resultados e a obtenção das conclusões. Verificou-se a existência de vinte jogos, quinze brincadeiras e oito brinquedos distintos. Também verificámos que, devido à dispersão dos locais de residência dos idosos durante a sua infância, existiam actividades lúdicas praticadas por apenas alguns dos idosos. Por último, concluímos que as actividades lúdicas referidas eram realizadas separadamente por rapazes e raparigas e que a nível sócio-político a grande condicionante das práticas lúdicas era o trabalho, em virtude da pobreza sentida neste meio rural. Em relação aos materiais, a madeira era o que mais se utilizava, sendo as actividades lúdicas realizadas ao ar livre e estando o rio Alviela directamente relacionado com certos tipos de brincadeiras. No que diz respeito à aprendizagem, a forma de brincar era transmitida pelo grupo de amigos/colegas a que pertenciam, enquanto que os objectos necessários para as actividades lúdicas eram normalmente confeccionados pelos próprios intervenientes, aproveitando os recursos naturais existentes mais abundantes, a madeira.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	V
ÍNDICE DE QUADROS.....	VI
ÍNDICE DE ANEXOS.....	VII
INTRODUÇÃO.....	IX
CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA.....	1
1. QUESTÕES SOCIO-POLÍTICAS E CULTURAIS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	1
1.1 Caracterização sociopolítica e económica nas primeiras década do século XX.....	1
1.2 O Ensino nas Primeiras Décadas da República.....	5
2. A ACTIVIDADE LÚDICA NA PRIMEIRA METADE DO SECULO XX.....	8
2.1 A actividade lúdica em Portugal no início do século XX.....	8
3. CLASSIFICAÇÃO E DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS DE JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA NO CONTEXTO LÚDICO.....	9
3.1 O Lúdico.....	9
3.2 O Jogo – conceitos e classificações.....	11
3.2.1 Jogo como instrumento educativo.....	12
3.3 A brincadeira e a criança.....	13
3.4. O Brinquedo.....	15
4- DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO AO CONCEITO DE IDOSO E O LÚDICO RELACIONADO COM O IDOSO.....	16
4.1 A Nova Tendência Demográfica.....	16
4.2 Conceitos e Processos de Envelhecimento.....	17
4.3 Conceito de Idoso.....	18
4.4 O Idoso e o Lúdico.....	19

CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO DA FREGUESIA DE PERNES.....	20
1. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE PERNES.....	24
CAPITULO III – METODOLOGIA.....	27
1.1 Objectivos do estudo.....	27
1.2 Justificação do estudo.....	28
1.3 Delimitação do estudo.....	28
1.4 Descrição do Instrumento.....	29
1.5 Procedimentos.....	29
1.6 Tratamento, Análise e Apresentação dos Dados.....	30
CAPITULO IV – ANÁLISE, APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
1- CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	32
1.1- Distribuição da amostra segundo a idade.....	32
1.2 - Distribuição da amostra quanto à zona de residência durante a infância....	33
1.3 - Distribuição da amostra quanto à localidade de residência durante a infância.....	33
1.4 - Distribuição da amostra segundo o nível de escolaridade.....	34
1.5 - Distribuição da amostra segundo a profissão que exerceram, após a escolaridade.....	35
2. CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DO PAÍS DO PONTO DE VISTA DOS IDOSOS.....	35
2.1 Consciência da situação política.....	36
2.2 Papel da Mulher.....	37
2.3 Estatuto da Mulher.....	48
2.4 Condicionantes das expressões lúdicas.....	39

3- JOGOS, BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS.....	40
3.1 Jogos.....	41
3.1.1 Classificação dos Jogos.....	42
3.1.2 Materiais utilizados nos jogos.....	42
3.2 Brincadeiras.....	43
3.2.1 Classificação das Brincadeiras.....	44
3.3 Brinquedos.....	45
3.4 Intervenientes das actividades lúdicas.....	46
3.5 Locais das actividades lúdicas.....	47
3.6 Tempos destinados às actividades lúdicas.....	48
3.7. Aprendizagens das actividades lúdicas.....	49
 CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	50
1.PRINCIPAIS CONCLUSÕES RETIRADAS DO ESTUDO.....	50
2. RECOMENDAÇÕES.....	51
 BIBLIOGRAFIA.....	53
 ANEXOS	
 APÊNDICES	

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição da amostra segundo a idade.

Gráfico 2 – Distribuição da amostra quanto à zona de residência durante a infância.

Gráfico 3 – Distribuição da amostra quanto à localidade de residência durante a infância.

Gráfico 4 – Distribuição da amostra segundo o nível de escolaridade.

Gráfico 5 – Distribuição da amostra segundo a profissão que exerceram a seguir à escolaridade.

Gráfico 6 – Consciência da situação política.

Gráfico 7 – Papel da Mulher na sociedade do início o século XX.

Gráfico 8 – Estatuto da Mulher na sociedade do início o século XX.

Gráfico 9 – Condicionantes das expressões lúdicas.

Gráfico 10 – Jogos mencionados pelos entrevistados.

Gráfico 11 – Classificação dos jogos quanto à acção.

Gráfico 12 – Classificação dos jogos quanto aos materiais.

Gráfico 13 – Brincadeiras mencionados pelos entrevistados.

Gráfico 14 – Classificação das brincadeiras quanto à acção.

Gráfico 15 – Brinquedos enunciados.

Gráfico 16 – Intervenientes nas actividades lúdicas.

Gráfico 17 – Local de realização das actividades lúdicas.

Gráfico 18 – Tempos destinados às actividades lúdicas.

Gráfico 19 – Aprendizagens das actividades lúdicas.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Categorização do Lúdico.

Quadro 2 – Censo de 1981 e 1991, relativamente à população residente e presente.

Quadro 3 – Censo de 2001, relativamente à população residente e presente.

Quadro 4 – Censo de 2001, relativamente ao nº e % de indivíduos por escalão etário.

Quadro 5 – População residente empregada, segundo o sector da actividade
Económica %.

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Guião de entrevista

Anexo 2 – Teorias do Jogo

Anexo 3 – Teorias do Brincar

Anexo 4 – Tipologias do Jogo – Classificação de Cameira Serra

ÍNDICES DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Exemplo de entrevista transcrita

Apêndice 2 – Resumo das respostas da Caracterização das Condições Sócio-Político-Culturais do País

Apêndice 3 – Matriz de Categorias, subcategorias e indicadores da Caracterização das condições Sócio-Político-Culturais do País

Apêndice 4 – Jogos referidos pelos entrevistados

Apêndice 5 – Brincadeiras referidas pelos entrevistados

Apêndice 6 – Brinquedos referidos pelos entrevistados

Apêndice 7 – Matriz de Categoria de Jogos

Apêndice 8 – Matriz de Categoria de Brincadeiras

Apêndice 9 – Matriz de Categoria de Brinquedos

Apêndice 10 – Quadros de síntese de informações globais sobre vários aspectos dos jogos das brincadeiras e dos brinquedos

Apêndice 11 – Quadros relativos ao local, tempos, intervenientes e aprendizagens dos jogos e das brincadeiras

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema deveu-se ao interesse pelos jogos, brinquedos e brincadeiras de antigamente, que são parte fundamental da nossa cultura e que, não deveriam ser negligenciados ou esquecidos pelas sociedades mais modernas.

Para o desenvolvimento deste trabalho académico, estruturámo-lo em cinco capítulos.

O capítulo I trata da Revisão da Literatura, estando dividido em quatro partes. Na primeira parte abordamos as questões sócio-políticas e económicas do País nas primeiras décadas do século XX, focando o ensino nas primeiras décadas da república. Na segunda parte referimos a actividade lúdica na primeira metade do século XX. Na terceira parte classificamos e definimos os conceitos de Jogos, Brinquedos e Brincadeiras e na quarta parte falamos do processo de envelhecimento, do conceito de idoso e do lúdico no idoso.

No capítulo II fazemos uma caracterização da Freguesia de Pernes, falando um pouco de alguns aspectos geográficos, históricos, económicos e demográficos. Também caracterizamos a instituição Santa Casa da Misericórdia de Perne, referindo as condições do lar, o centro de dia, o apoio domiciliário, bem como as suas condições gerais.

O capítulo III diz respeito à metodologia, onde foram definidas e fundamentadas as opções metodológicas, identificado o objectivo do estudo e a justificação do mesmo, a delimitação da amostra, a descrição dos instrumentos a utilizar, bem como os procedimentos e, por último, o tratamento, análise e apresentação dos dados. O estudo foi constituído por uma amostra estratificada intencional, delimitada à Instituição da Santa Casa da Misericórdia de Pernes, abrangendo dez indivíduos do sexo masculino, residentes na instituição, com idades compreendidas entre os 71 e 91 anos. A técnica de recolha de dados utilizada foi a entrevista semidirectiva (semi-estruturada), tendo para tal sido elaborado um guião de entrevista estruturado em três partes, a primeira destinada à caracterização pessoal de cada entrevistado, a segunda à caracterização das condições sócio-político-culturais do país

na época a ser estudada e a terceira à identificação dos elementos de estudo: jogos, brincadeiras e brinquedos. A terceira parte foi ainda subdividida em três partes: a primeira refere-se ao jogo, constituída por perguntas com o objectivo de identificar os jogos e o modo de jogar; a segunda às brincadeiras, constituída por perguntas com o objectivo de as identificar e o modo de brincar e a terceira aos brinquedos, constituída por perguntas com o objectivo de identificar os brinquedos utilizados, bem como o material e a proveniência dos mesmos.

O capítulo IV refere-se à apresentação de dados e discussão dos resultados, efectuada através da estatística descritiva, com a elaboração de vários gráficos, interpretados em texto narrativo, com excertos das entrevistas e confrontados com a revisão da literatura. Este capítulo encontra-se dividido em três partes, sendo a primeira destinada à caracterização da amostra, a segunda às condições sociais, políticas e culturais do país do ponto de vista dos idosos e a terceira aos jogos, brincadeiras e brinquedos referidos pelos entrevistados no decurso da sua infância.

Por último, apresentamos **o capítulo V** que contém as principais conclusões e sugestões para próximos estudos a efectuar nesta temática.

CAPÍTULO I

REVISÃO DA LITERATURA

Procuramos através deste capítulo abordar todo um conjunto de questões que possibilitam de forma mais evidente clarificar a orientação do nosso estudo. Assim, apresentamos uma pequena síntese sobre as questões sociais, políticas e económicas relativas às primeiras décadas do século XX, período de infância dos indivíduos da nossa amostra. Seguidamente, recordamos e interpretamos os possíveis significados com que podemos interpretar os fenómenos do jogo, brinquedo e brincadeira, bem como a forma como as gerações antepassadas brincavam e finalmente, realizamos uma pequena incursão sobre o domínio da caracterização do envelhecimento, do conceito de idoso e a importância da presença do contexto lúdico nos idosos.

1. QUESTÕES SOCIO-POLÍTICAS E CULTURAIS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

1.1- Caracterização sociopolítica e económica nas primeiras década do século XX

Portugal, no início do século XX, viveu períodos muito complicados, com transições entre regimes políticos e dentro desses regimes, diversos governos, que tiveram repercussões na população ao nível social e económico. A 5 de Outubro de 1910 deu-se uma dessas transições, com a queda da Monarquia e a Implantação da República, tendo, para esta transição, muito contribuído a pobreza, o desemprego, a fome e as condições degradantes em que muitas populações viviam. Serrão (1987) e Homem (2001), enumeram alguns motivos como, o Ultimato Inglês de 1890, a revolta Republicana de 1891, a política de João Franco, para aumentarem o clima de insatisfação e descontentamento da população.

O período da primeira república (1910-1926) foi caracterizado por 45 governos, 7 eleições legislativas, 8 mandatos presidenciais com apenas um a ser cumprido até ao fim. O apoio do país aos aliados na I Guerra Mundial, uma decadência progressiva resultante da diminuição da receita pública e da perda de poder de compra, fez com que a maioria da opinião publica defendesse que deveria haver uma intervenção do exército,

situação esta que é bem retratada por Marques (1997) “ a classe média das cidades, sobretudo de Lisboa, que fora o grande obreiro e sustentáculo da república, estava saturada das constantes revoluções e arruaças, que sempre na capital se verificavam, receando o anarquismo e o bolchevismo e ansiando por um governo forte que restaurasse a ordem e a tranquilidade.”

A primeira República foi incapaz de operar uma transformação estrutural da sociedade portuguesa nos domínios económico e social. Foi vítima dos seus próprios erros e das circunstâncias históricas em que evoluiu. A estrutura económica do País era caótica como nos refere Reis (1996) “... uma agricultura rudimentar e pouco produtiva que não foi objecto de qualquer medida reformadora...; uma indústria em lenta progressão; um comércio externo que conheceu a regressão e se manteve numa forte dependência da Grã-Bretanha”. No plano social, o regime, longe de beneficiar as classes médias, seu principal sustentáculo, reduziu-lhe substancialmente o poder de compra, não lhe permitindo o controle do poder económico que se encontrava nas mãos da alta burguesia. A classe operária, embora lhe tenham sido concedidas algumas regalias, foi mais vítima do que beneficiária do novo regime. No entanto, houve assinaláveis transformações: laicização da sociedade, clima de liberdade política, reivindicações populares, instrução popular impressionante, período de riqueza e diversidade culturais, manutenção de muitos ideais republicanos e dos símbolos “bandeira e hino”.

A população estava cansada com a instabilidade e havia sectores da população que ansiavam a força do poder político para estabelecer a paz social e a ordem. Esta situação proporciona o aparecimento de uma ordem forte e autoritária, despoletada pelo golpe militar de 28 de Maio de 1926, liderado por Gomes da Costa, e apoiado por vários sectores da sociedade. É instituída uma ditadura militar, que suspende a Constituição de 1911, e instala a censura militar da imprensa. Os partidos, organizações sindicais e várias associações de cunho político foram dissolvidas ou encerradas.

Os militares com a grave situação económica do país, convidam Salazar para a pasta das finanças. Este aceita mas impõe que seria ele quem teria de dar autorização para o financiamento dos outros ministérios. Salazar consolida as suas posições num jogo de conspirações contra os outros ministros e vai começar a aparecer como principal figura do regime. Em 1932 é nomeado presidente do Conselho de Ministros e impôs imediatamente uma política de austeridade, reduzindo as despesas de todos os ministérios e aumentando os impostos, no intuito de pôr cobro à crise económica que se fazia sentir, como nos refere Lopes (2205) citando Castro (1983): “A crise de 1929-

1933 fez-se naturalmente sentir, muito embora em relatórios oficiais ou oficiosos os seus efeitos tivessem tentado ser minimizados: quedas das principais produções, descida dos preços, aumento do desemprego, redução dos salários reais, tanto rurais como industriais, diminuição das importações e das exportações.”

Com a aprovação da Constituição de 1933, terminou o período da Ditadura Militar e iniciou-se o regime do Estado Novo. Saraiva (1983) fala-nos dessa transição: “Da ditadura evolui-se para a Segunda República, titulada pela Constituição de 1933, de índole presidencialista, antipartidária e corporativa. As liberdades democráticas foram cerceadas e a actividade dos partidos banida. Desta forma, o novo regime acaba com os partidos e cria o partido único, a “União Nacional”, e são reprimidas e liquidadas as liberdades de associação e de expressão através da censura. Dentro destes parâmetros houve duas organizações que se evidenciaram pelas suas características, sendo elas, a Mocidade Portuguesa (M.P) e a Polícia de Vigilância de Defesa do Estado (P.V.D.E).

A M.P era um grupo paramilitar de características fascistas, com o objectivo segundo Carvalho (1986), de fomentar na população o espírito nacionalista e de defesa do Estado. No início visava abranger toda a juventude escolar masculina, do ensino primário à universidade, mas depois foi restringida às idades de onze a catorze anos. Assentava num código de disciplina e numa formação inspirada na vertente militar, com o objectivo de moldarem o corpo e o espírito, na obtenção de disciplina e devoção à pátria. Relativamente a esta organização também foi concebida a sua congénere feminina a Mocidade Portuguesa Feminina (M.F.F). Aqui a educação tinha como objectivo possibilitar à mulher a obtenção de uma formação completa, no sentido de adquirir educação para Deus, a pátria e a família.

Em 1945, a P.V.D.E. passa a ter o nome de P.I.D.E. (Polícia Internacional de Defesa do Estado) , e é construído o campo de concentração do Tarrafal para reprimir os adversários do regime. A este respeito Lopes (2005) cita Costa (1983) afirmando: “É um facto indesmentível que o novo regime se consolidou no poder pela força, recorrendo à repressão”. Segundo Marques (1997) “à maneira da Inquisição, a Polícia Secreta portuguesa alcançou sobre o regime de Salazar, em todas as esferas da vida nacional, tais limites de poder e penetração que desafiaram a autoridade do próprio estado... e a converteram gradualmente num estado dentro dele”.

Para Marques (1997), a ditadura era obviamente apoiada por grande parte da população, visto estarem quase todos descontentes e unidos contra o *status quo*, quer

por se mostrarem incapazes de a compreender, quer por outros pensarem poder aproveitar-se dela para seus fins próprios.

Salazar contava com um poderoso apoio de algumas elites sociais: a grande burguesia e a maior parte do clero católico e dos oficiais superiores das Forças Armadas. Por isso gozava de plenos poderes e dirigia o País de acordo com os seus ideais e pelos princípios: Deus, Pátria, Família, Autoridade, Hierarquia, Moralidade, Paz Social e Austeridade. Lopes (2005) cita Costa (1983) referindo: “A família é a célula basilar da sociedade portuguesa e o conceito de família do Estado Novo um dos seus pilares de sustentação”, e a propaganda salazarista dos anos 30-40, através de cartazes fazia a apologia da família portuguesa: tradicional, camponesa, católica, modesta e nacionalista.

Nos anos 30, década da “paz social”, período da infância dos nossos entrevistados, o país era rural, com a agricultura a absorver 54% da população assalariada, e o desenvolvimento económico fazia-se a um ritmo lento, com sacrifício de reformas indispensáveis a um rápido crescimento da actividade industrial. Os surtos emigratórios conhecem uma significativa diminuição, mas esta retracção deve-se sobretudo à depressão económica mundial.

Na década seguinte surge o recrudescimento da agitação social provocado pela conjectura da II Grande Guerra Mundial, marcado pelo redespertar das movimentações operárias e por uma longa agitação nos meios camponeses da pequena e média propriedade, que provoca um choque económico em Portugal: falta de géneros, carestia generalizada impulsionada pela especulação, desvalorização real dos salários, açambarcamento, contrabando, etc., contrastando com um rápido enriquecimento da burguesia industrial e do comércio.

O povo estava miserável mas importava que não tivesse consciência da sua miséria para que não houvesse sobressaltos sociais, para que não fosse para a cidade, para as fábricas, onde poderia estabelecer “contactos perigosos”, devendo ficar no campo a cultivar a terra. Daí a exaltação com que sempre eram referidas a beleza no campo e as vantagens de uma economia agrária.

Nas ideias de Salazar a família tinha um papel predominante no núcleo primário do Estado Novo, pois era considerada como uma realidade primária e fundamental de toda a orgânica nacional, ou seja, era a base onde assentava o estado e ambos tinham obrigações e deveres a cumprir.

Na família idealizada por Salazar tínhamos então o Homem, que era o trabalhador por excelência, fora de casa, e a mulher que deveria permanecer em casa, com funções claras de educar os filhos e tomar conta da casa.

Com estas ideias de diferenciação do ensino, separação das escolas por género e de funções específicas de cada género no seio da família, o Estado defende a ideia de que a mulher é um ser diferente do homem e que devia levar uma vida doméstica e orientada para a família.

Salazar conseguiu a reorganização financeira e administrativa do Estado e procedeu ao reequipamento material do País em todos os sectores. O sector do ensino desempenhou um importantíssimo papel, não só durante o Estado Novo, mas durante toda a República e dele iremos falar a seguir.

1.2- O Ensino nas Primeiras Décadas da República

As grandes reformas republicanas no sector do ensino começaram pela instrução primária “...não só por ser aquela que está na base da hierarquia escolar como por ser, através dela, que se projectava conseguir a transformação mental do nosso país.” (Carvalho, 1986)

Já os governos monárquicos acreditavam que o aumento das escolas e o aumento da alfabetização estariam na base do desenvolvimento e do progresso do país. Assim, segundo Marques (1997), ao ser proclamada a República, o ensino primário regia-se pela reforma de 1901, segundo a qual o ensino era gratuito e obrigatório, com exame no 1º grau (3ª classe) e havia escolas separadas para os dois sexos, só excepcionalmente mistas.

Passados cinco meses após a proclamação da República, é publicada por decreto de 29 de Março de 1911 a reforma do ensino primário que “... é um documento notabilíssimo que nos colocaria ao nível dos países mais avançados no domínio da instrução, se fosse minimamente executada, ...” Carvalho, (1986). Referia o decreto que, para progredir e desenvolver uma sociedade, era preciso que a acção contínua, incessante e persistente da educação, atingisse o ser humano, sob o aspecto físico, intelectual e moral. Mais era referido, que o ensino seria laico, a moral firmar-se-ia na solidariedade e teria por base «os preceitos que regulam a justiça entre os homens e a dignidade dos cidadãos» e seria descentralizado e entregue às Câmaras Municipais.

O ensino estava estruturado em ensino infantil, facultativo dos quatro aos seis anos, que nunca passou de um projecto e ensino primário, dos sete aos catorze anos, dividido em três escalões: o elementar, o complementar e o superior. O elementar era obrigatório e gratuito para ambos os sexos, com a duração de três anos, dos sete aos nove; o complementar tinha a duração de dois anos, dos dez aos doze, era facultativo e gratuito, e o superior com a duração de três anos, dos doze aos catorze, também facultativo e gratuito em regime de coeducação. De todos estes escalões só o primário elementar funcionou regularmente. O complementar não chegou a entrar em vigor e foi extinto pela reforma de 1919 e o superior foi extinto pela Ditadura Militar em 1926.

No sentido de combater o elevado número de analfabetos adultos são criadas escolas móveis oficiais nas freguesias onde, por qualquer motivo, não fosse possível criar escolas fixas. Estas escolas mantiveram-se em funcionamento até à sua extinção pela Ditadura em 1930, e delas nos fala Marques (1997) “... as escolas móveis contribuíram para, durante quase duas décadas, ministrar as primeiras letras a cerca de 200.000 pessoas de ambos os sexos.

A legislação de 1911 incluía ainda um conjunto de medidas tendentes à protecção e dignificação do professor primário, nomeadamente férias e vencimentos, e era sua missão, citando o autor acima referido, “intervir em todas as manifestações da vida local, interpretando a lei, fomentando o associativismo e a sindicalização, inspirando ao povo o prazer e a utilidade da higiene, cultivando nele valores culturais e estéticos, modificando hábitos, civilizando...”. Os professores primários foram assim elevados à categoria de «alicerces básicos» da instrução, civismo e do republicanismo consciente. Era na escola primária que se havia de formar a «alma» da Pátria Republicana.

Para a formação dos professores primários são criadas em 1911 escolas normais em Lisboa, Porto e Coimbra, e escolas de habilitação para o magistério primário em quase todas as capitais de distrito. Estas últimas, devido à qualidade da sua formação e ao número excessivo de professores, foram extintas, tendo ficado só as escolas normais de Lisboa, Porto e Coimbra.

Para uma melhor estruturação do ensino, o ministro Leonardo Coimbra, em 1919, procurou reorganizar a instrução primária, criando o ensino primário geral, que mais não foi que a fusão do ensino primário elementar com o ensino primário complementar. Tinha a duração de 5 anos, da 1ª à 5ª classe, e era obrigatório dos 7 aos 12 anos. Para resolver o problema da descentralização do ensino, foram criadas “juntas

escolares” em cada concelho, para as quais foi transferida a responsabilidade administrativa do ensino primário.

Com o advento da Ditadura, em 28 de Maio de 1926, o ensino sofre profundas remodelações. Os programas da instrução primária foram reduzidos, o regime de coeducação acabou, só sendo permitido nas localidades com uma só escola, e a escolaridade obrigatória passou para quatro anos. Pelo decreto de 22 de Março de 1930 o ensino primário elementar é dividido em dois graus, terminando o primeiro na 3ª classe com exame final e a aprovação neste exame era o termo da escolaridade obrigatória. O segundo grau correspondia à 4ª classe e era uma simples complementaridade. O ensino resumia-se a “fornecer às crianças rurais... o saber ler, escrever e contar...” Carvalho, (1986).

Para fortalecer a ideologia do Estado, uma portaria de 18 de Outubro de 1927 apontava que o ensino elementar deveria ser orientado no sentido de acordar nas crianças o «verdadeiro patriotismo» e que as actividades escolares deveriam iniciar-se e encerrar-se diariamente com a saudação à bandeira nacional.

Duarte Pacheco, pelo Decreto n.º 17077 de 1928, atribui à escola primária a tarefa de «disciplinar consciências, formando o carácter» e ao professor a incumbência de transmitir à criança que “...a autoridade é absolutamente necessária, sem ela os Estados seriam destruídos pela anarquia... avivar na alma das crianças o mais fervoroso amor pela Terra Portuguesa, fazendo-lhes sentir bem quanta felicidade, quão legítimo orgulho representa ser filho de Portugal.”

Com o ministro Carneiro Pacheco em 1936, é adoptado o livro único para cada classe da instrução primária, nos quais era enaltecido o culto das virtudes da autoridade, da caridade, do trabalho, da obediência e sacrifício, e o elogio da vida rural, simples e alegre. O ensino religioso foi reintroduzido nas escolas oficiais e todos os livros apresentavam algumas páginas dedicadas à religião católica, nomeadamente orações para antes e depois das aulas “...Abençoi Senhor a Vossa Igreja, a nossa Pátria, os nossos Governantes, as nossas famílias e todas as escolas de Portugal...”(Livro da 1ª classe p.93). Nas escolas passa a ser obrigatório ter na parede os retratos de Salazar e do Chefe de Estado (Carmona), um de cada lado do crucifixo.

A reforma de Carneiro Pacheco de 1936 vai marcar o sistema escolar português durante largos anos e concretiza o objectivo há muito enunciado: reduzir a escola primária ao “ideal prático e cristão de ensinar bem a ler, escrever e contar, e a exercer as virtudes morais de um vivo amor a Portugal”(preâmbulo da Portaria nº 9015 de 11 de

Junho de 1938). Era preciso que o povo não pensasse e não tivesse vontade própria, tendo-se então assistido à destruição da escola tal como tinha sido concebida na 1ª República, à despromoção do professor e ao encerramento, durante sete anos (1935-1942), da escola do Magistério Primário, à censura e à proibição de iniciativas culturais.

O alargamento da rede do ensino elementar deu-se à custa da criação de simples postos escolares confiados a regentes. Desta forma o regime conseguiu levar a sua ideologia aos pontos mais recônditos do País. A taxa de analfabetismo passou de 67,8% para 59,4% na década de 1930 a 1940.

2. A ACTIVIDADE LÚDICA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

2.1 A actividade lúdica em Portugal no início do século XX

Em todas as sociedades a actividade lúdica, sempre esteve presente. Podemos afirmar que a criança não existe sem a sua marca natural, o simples acto de brincar. No entanto, estas actividades lúdicas no início do século XX em Portugal tinham muitas vezes condicionalismos que eram impostos pela sociedade.

Portugal era um país maioritariamente rural, com 80% dos seus habitantes a viverem no campo. Consequentemente, a agricultura constituía a principal actividade profissional. Ainda neste contexto, as vilas eram raras e as cidades de pouca importância. Assim, não é de admirar que o nível cultural da população fosse baixo, assim como o nível económico, com muitas famílias a viverem em condições de miséria generalizada.

A maioria das famílias portuguesas, no início do século, eram muito grandes, com um grande número de filhos. Considerando as dificuldades que cada família passava, os filhos muitas vezes tinham de ajudar nas tarefas que os pais executavam, aprendendo esse ofício desde cedo. Com isto as crianças não tinham muito tempo livre para brincar, pois muitas vezes chegavam da escola, aquelas que a frequentavam, e tinham de auxiliar os pais. Sendo assim, o pouco tempo que possuíam, aproveitavam-no para se distraírem e se divertirem, principalmente com actividades lúdicas. Neste contexto podemos ainda dizer que, segundo Silva (2004) as raparigas possuíam menos tempo para brincar do que os rapazes, uma vez que tinham de ajudar nas tarefas domésticas.

Um outro facto característico desta fase é que a forma de brincar era diferente entre géneros, apresentando afinidades para determinados brinquedos, brincadeiras e jogos.

Um estudo de preferências de 1930 onde se conclui que os jogos dos rapazes envolviam objectos, como a bola, carros, entre outros, com os quais somente os meninos podiam brincar e por outro lado os jogos das meninas envolviam o faz de conta ou o jogo simbólico, não participando, em geral nos jogos dos meninos.

Segundo Silva (2004) “os meninos dispunham de ruas para brincar, enquanto que às meninas cabiam locais mais fechados, como quintais, dentro de casa”, ou seja, no início do século os locais onde se desenvolviam as actividades lúdicas eram diferentes porque se pretendia desenvolver nas mulheres uma imagem de respeito, com o intuito de as preparar para as suas futuras tarefas, como ser boa dona de casa e trabalhadora. Sendo assim, os locais para brincar eram mais recatados e sujeitos a pouca exposição pública como dentro de casa e quintais. Dentro deste contexto, a separação de géneros nas escolas e diferenciação da educação dada nas instituições escolares constituía por si só um impedimento às práticas lúdicas das crianças.

A miséria generalizada em que muitas famílias se encontravam também constituía um impedimento no acesso das crianças a certos tipos de brinquedos, de jogos e brincadeiras da época, pois os problemas económicos das famílias impediam que as crianças pudessem adquirir determinados brinquedos ou outros objectos de jogo mais sofisticados. Com isto as crianças recorriam muitas vezes à imaginação e à criatividade para arranjam meios de se divertirem.

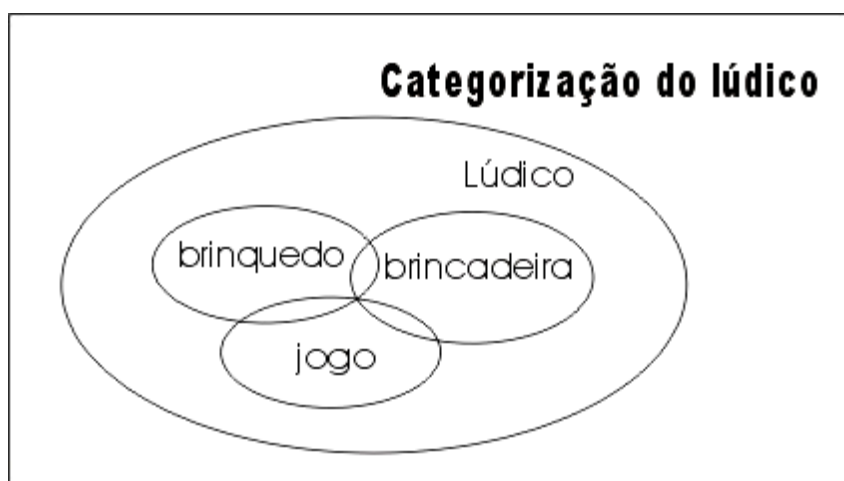
3. CLASSIFICAÇÃO E DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS DE JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA NO LÚDICO

3.1- O Lúdico

A palavra lúdico extraída de (Dicionário da Língua Portuguesa, 2004) significa: “relativo a jogos ou divertimentos; recreativo (Do lat. *Ludicru*-, «que diverte; recreativo»)", podendo também ser visto como cariz de todas as actividades que têm características de jogo, brinquedo e brincadeira.

Existem diferenças entre jogo e brinquedo e entre brincadeira e brinquedo, no entanto, jogo e brincadeira ainda se confundem, pois ambos podem ser sinónimo de divertimento. Contudo, tanto o jogo como a brincadeira e o brinquedo podem ser englobados num universo maior chamado de lúdico.

O jogo pressupõe uma regra, o *brinquedo* é o objecto manipulável, podendo ser o próprio corpo de quem brinca e a *brincadeira*, nada mais que a acção de brincar com o brinquedo ou mesmo com o jogo. Jogar também é brincar com o jogo. O jogo pode existir por meio do brinquedo, se os “brincantes” lhe impuserem regras. Percebe-se, pois, que jogo, brinquedo e brincadeira tem conceitos distintos, todavia estão imbricados; ao passo que o lúdico abarca todas eles.



Quadro1 – Categorização do lúdico

Segundo o diagrama, verificamos realmente as interacções existentes entre o jogo, brinquedo e brincadeira. Todos eles interagem entre si, numa área central e comum, mas também interagem separadamente entre si, isto é, o jogo pode interagir com o brinquedo sem interagir com a brincadeira. Visto isto, não podemos aceitar uma rigidez dos termos, pois se por um lado a discussão sobre os mesmos pode ampliar a perspectiva lúdica da nossa prática pedagógica, por outro pode seleccioná-la em hora de jogo ou hora de brincadeira.

A ludicidade é uma necessidade interior sentida tanto pela criança como pelo adulto, mas mais sentida pela criança, pois esta comunica através e por meio dela, aprendendo e desenvolvendo-se nos âmbitos biológicos e humanos. Sendo o lúdico a linguagem cultural da sociedade em que a criança se insere, é através da actividade lúdica que a criança se prepara para a vida, compreendendo a cultura do meio em que

vive, integrando-se, adaptando-se às condições que o mundo lhe oferece e aprendendo a competir, a cooperar e a conviver como um ser social.

Desta forma, é através do lúdico que a criança realiza aprendizagens significativas e a ludicidade deve reunir valores morais e culturais. As actividades lúdicas devem ter em vista a auto-imagem, a auto-estima, o auto-conhecimento e a cooperação, porque estes factores conduzem à imaginação, fantasia, criatividade e a muitos valores que ajudam a moldar as suas vidas, como crianças e como adultos.

3.2 O Jogo – conceitos e classificações

Segundo Huizinga (1951), definiu que: “o jogo é uma acção ou uma actividade voluntária, realizada dentro de determinados limites fixados de tempo e de lugar, de acordo com uma regra livremente aceite mas completamente imperiosa, provida de um fim em si mesma, acompanhada por um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser algo diferente da vida corrente”.

Por sua vez, Bandet (1973), diz que o jogo é “toda a ocupação sem qualquer outra finalidade que não seja a ocupação em si mesma.” Sendo assim, isto compreende “uma acção que não pretende realizar nada a não ser realizar-se”. Esta ideia vem no seguimento de Huizinga, quando diz que “o jogo é uma acção provida de um fim em si mesma”. Caillois (1990), também suporta esta visão quando define o jogo como uma actividade improdutiva, ou seja, “não gera bens, nem riqueza nem elementos novos de espécie alguma”.

Caillois, diz-nos ainda que, o jogo é uma actividade voluntária, livre, delimitada, regulamentada e fictícia. Bandet, ainda acrescenta que “não nos podemos esquecer da sua importância afectiva: o jogo é fonte de alegria”.

Passando agora para a classificação do jogo, segundo Caillois, “a extensão e variedade infinitas dos jogos provocam de início o desespero na procura de um princípio de classificação que permita reparti-los a todos num pequeno número de categorias.” Visto isto, e tendo em conta as ideias que cada autor tem sobre o jogo, pode-se formular uma diversidade de categorias, torna-se necessário enunciar algumas delas, bem como, realizar a sua descrição. Este autor apresenta quatro categorias em que tanto os jogos infantis como os jogos dos adultos podem ser divididos. Assim sendo, as categorias são a de Agôn (competição), Álea (sorte), Mimicry (simulacro) e Ilinx

(vertigem). O autor considera que estas categorias não são compartimentos estanques, podendo mesmo um jogo pertencer a mais do que uma categoria.

Caillois (1990), dentro da perspectiva do Desenvolvimento, consoante os principais tipos de jogo que aparecem ao longo da vida da criança, classificou-os de Jogos Simbólicos da Primeira Infância, Jogos Simbólicos que só aparecem depois dos três anos, Jogos de Habilidades que surgem principalmente nos primeiros anos da escola primária e os Jogos de Sociedade, que só se organizam verdadeiramente no fim da infância. Como podemos perceber esta classificação só abrange os jogos infantis.

A classificação de Solé (1992) é constituída por Jogos de Expressão, Jogos de Construção, Jogos de Mesa, Jogos de Imitação, Jogos de Manipulação, Jogos de Movimento e Jogos Electrónicos.

A classificação de Cameira Serra (1998) citada por Marques (2002) adaptada e utilizada no nosso estudo é constituída por Jogos de Corrida e Perseguição, Danças e Batimentos Rítmicos, Jogos Desportivos com Bola, Jogos de Descoberta, Jogos de Dramatização, Jogos Electrónicos, Robóticos ou Informáticos, Lançamento em Precisão, Jogos de Locomoção, Jogos de Mesa, Outros Jogos com Bola e Jogos de Saltos.

As classificações apresentadas neste trabalho, consistem num universo muito limitado, em relação às existentes, no entanto, seria impossível apresentá-las todas devido à quantidade de classificações existentes e formuladas pelos vários autores. Estas classificações acima referidas seguem linhas de estudos em perspectivas mais sólidas e rigorosas, tais como Caillois e Huizinga, de forma que são as suas obras que prevalecem de suporte literário a classificações posteriores a estes autores, muitas vezes convergindo ou repetindo-se com nomes diferentes.

3.2.1 Jogo como instrumento educativo

Seguindo a teoria desenvolvimentista de Froebel citada por Rodrigues (2005), defende-se a educação através do jogo. Este autor diz-nos que “concebe o brincar como actividade livre e espontânea, responsável pelo desenvolvimento físico, moral, cognitivo, e de dons ou brinquedos com objectos que subsidiam as actividades infantis”.

Neste contexto, o autor acima referido, ainda entende que a criança necessita de orientação para o seu desenvolvimento. O papel do educador torna-se muito importante, neste tipo de educação, visto que, não tirando o carácter livre e espontâneo que o jogo

deve ter, o educador pode guiar as crianças de forma a desenvolver certas capacidades que ele assim o entenda.

Sendo assim, Pires (1992) diz-nos que “respeitando as manifestações espontâneas da criança utiliza, amplamente, os jogos sensoriais para exercitar e desenvolver cada um dos sentidos”, ou seja, através de jogos e materiais pedagógicos a criança pode desenvolver o sentido da ordem, do ritmo, da forma, da cor, do tamanho, do movimento, da simetria, da escansão, da harmonia e do equilíbrio. Dentro desta perspectiva Bandet (1973) corrobora as afirmações anteriores centrando-se na importância afectiva, onde o jogo é fonte de alegrias, “o jogo é portanto, uma função essencial na vida das crianças; elas exercem-no espontaneamente e sem ajuda, mas podemos satisfazer a sua necessidade de actividades pondo à sua disposição objectos indispensáveis.”

Seguindo este raciocínio e segundo pontos de vista idênticos, Bandet, diz-nos que o jogo permitiria o exercício de tendências geralmente não utilizadas, o que compensaria a realidade, tanto pelo desenvolvimento de actividades marginais, como pela aquisição de hábitos úteis”.

Considerando as interpretações dos diversos autores e benefícios que descrevem para o jogo, ele torna-se numa actividade característica e imprescindível para as crianças, visto que atinge níveis educacionais que mais nenhuma actividade pode atingir. Assim, temos de afirmar que o jogo traz benefícios ao nível físico, moral, cognitivo, tanto no seu aspecto intelectual como a nível dos sentidos. Permite a aquisição de hábitos úteis perante a sociedade e, claro, a nível afectivo, onde se tem de considerar o jogo como uma actividade de carácter livre, espontânea, fonte de alegrias e libertadora de tensões.

3.3 A brincadeira e a criança

“A brincadeira é a actividade espiritual mais pura do homem neste estágio, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo – da vida natural interna no homem e de todas as coisas.” (Froebel citado por Ruschel e Bertoldo, 2000). Decidimos começar deste modo este subcapítulo porque consideramos que esta afirmação retrata bem em que consiste brincadeira. Nesta perspectiva a brincadeira consiste numa actividade, ou seja na actividade que melhor caracteriza a criança fazendo parte integrante dela como se um sem o outro não pudessem existir. É através da sua

exploração e, inclusive, aprendendo com ela que a criança adquire um sem número de qualidades que a vão tornar num ser capaz de enfrentar o mundo.

No seguimento disto podemos interpretar a brincadeira tal como Huizinga, ou seja, como acção metafórica, livre e espontânea da criança. Acrescenta também que é uma fonte de prazer e divertimento e claro que estimula o desenvolvimento da criança.

Antes de referenciar de que forma é que as brincadeiras influenciam a criança no seu desenvolvimento, convém referir que, a acção de brincar não era compatível com o processo educativo. Só a partir do Renascimento é que a brincadeira foi tida em conta para esse processo. Isto deveu-se em muito, à evolução da forma como era entendida a criança.

A brincadeira para a criança tem um significado profundo e é uma actividade extremamente séria (Froebel citado por Ruschel e Bertoldo, 2000), pois é através dela que consegue expressar-se no mundo que a rodeia e compreender-se a si mesmo. Muitas vezes a criança quer dizer algo mas como não é capaz, encontra na brincadeira uma forma de o fazer. Assim, a criança encontra um processo que lhe permite a verbalização, o pensamento, o movimento, gerando canais de comunicação.

Nas brincadeiras denominadas de faz-de-conta, quando a criança comunica ao mundo como o vê e toma-o como exemplo para realizar as suas brincadeiras. Quando uma criança brinca com uma boneca, considerando-a sua filha, ela está a representar como vê a sua mãe e revela o seu mundo interior. Está a interpretar o meio onde está inserida, o que faz com que ela esteja a assumir o seu papel na sociedade e esteja a fomentar o seu processo evolutivo em termos linguísticos e psicomotores. Com a imitação destes papéis característicos do seu meio, ela está a construir um conhecimento destes mesmos papéis. Quando, por exemplo, a criança está a brincar de mãe de uma boneca, ou seja, a realizar uma brincadeira de faz-de-conta, ela está de certo modo a fomentar as suas capacidades para que no futuro possa assumir esse papel.

3.4. O Brinquedo

O brinquedo é um objecto que tem grande importância no desenvolvimento da criança, de tal forma que se esta não possuir verdadeiros brinquedos, inventa-os com objectos que encontra à mão, e caso o brinquedo lhe agrade, deve permitir-se-lhe usá-lo à sua vontade, de forma a que esta tente explorar todas as formas de o utilizar.

Quanto mais simples e funcional for o brinquedo, mais interessa à criança e mais tempo dura esse interesse, pelo contrário, um brinquedo complicado, que exija ajuda exterior, normalmente desmotiva a criança, já que esta gosta de descobrir por si mesma todas as funcionalidades do brinquedo.

O brinquedo sempre foi um objecto criado pelo adulto para a criança, mas a criança nem sempre o utiliza da forma que o adulto prevê, adaptando-o às necessidades das diferentes brincadeiras. No entanto este ponto de vista, não nos parece que seja o mais correcto, pois a própria criança tem a capacidade de desenvolver e criar os brinquedos, não necessitando que sejam os adultos a fazer isso por si, e como tal estamos mais de acordo com Ariés (1981) citado por Volpato (2002), pois segundo ele, os brinquedos “nasceram do espírito de emulação das crianças que as levou a imitar as atitudes dos adultos, reduzindo-as à sua escala: foi o caso do cavalo de pau, numa época em que o cavalo era o principal meio de transporte e de tracção como na idade antiga”, e com Vygotsky (1989) que atribui ao brinquedo um papel importante, aquele de preencher uma actividade básica da criança, ou seja, ele é um motivo para a acção, desempenhando desta forma um papel decisivo na transição da criança para adulto maduro.

Em suma, através do brinquedo a criança desenvolve a criatividade e adquire competências para num sentido harmonioso, possa ir construindo o seu próprio mundo. O brinquedo é pois, o objecto facilitador do desenvolvimento, exercitando a inteligência, a imaginação e o prazer de criar.

4- DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO AO CONCEITO DE IDOSO E O LÚDICO RELACIONADO COM O IDOSO.

4.1- A Nova tendência demográfica

Assiste-se nos dias de hoje, a uma constante preocupação pelo envelhecimento da população e pela mudança drástica do rumo das curvas demográficas, dado que cada vez há mais idosos e menos crianças. Esta ideia é demonstrada por Peralta e Silva (2002), pois segundo esta autora, o envelhecimento demográfico caracteriza-se pela diminuição da proporção de sujeitos com menos de 15 anos de idade, associado à baixa natalidade e pelo aumento de proporção de pessoas idosas (com mais de 65 anos). Podemos constatar que este cenário se verifica devido, sobretudo, ao aumento da esperança média de vida, que vem crescendo de década para década. Era de 67 anos em 1971, passou para 73 anos em 1985 e para 77 em 1997. Em 1950 havia em todo o mundo cerca de 200 milhões de pessoas com mais de 60 anos. Em 1970 atingiu-se a cifra de 307 milhões. Em 2000, ultrapassaram-se os 580 milhões.

Para este aumento da esperança média de vida existem vários factores a ter em consideração, tais como a alimentação e o estilo de vida, que ao longo dos anos se têm mostrado como os factores que maior influência tem na saúde e bem-estar na velhice. Também a ciência da medicina, com a sua nova área a gerontologia/geriatria, pôs nas mãos dos médicos todo um arsenal de ferramentas para combater as doenças e transformar esta última etapa das nossas vidas numa experiência cada vez maior e mais saudável “a novas medicinas anti-idade”. Os gerontólogos sabem que a ciência não pode, nem deve, tirar anos à velhice. Pelo contrário, eles trabalham para aumentar o número de anos que uma pessoa pode viver sendo idosa e, sobretudo, conseguir que esses anos sejam satisfatórios, física e mentalmente.

Com tudo isto verificamos que o século XXI será objectivamente o século do idoso, tornando-se uma necessidade e desafio melhorar as condições e qualidade de vida desta população.

Seguidamente iremos verificar alguns dos conceitos do processo de envelhecimento e do idoso.

4.2- Conceitos e Processos de Envelhecimento

A compreensão dos fenómenos do envelhecimento deve ser encarada de vários pontos de vista: no plano fisiológico ou biológico, no psicológico e, claro, no social. Estes planos comportam todos um aspecto onde o processo de envelhecimento é sentido, no entanto, pensamos que a sua descrição sairia um pouco dos objectivos do estudo. Sendo assim, não iremos avançar por esse caminho. Iremos sim, tentar verificar, através da análise de algumas definições, quando é que uma pessoa é considerada idosa.

Staab e Hodges (1997), entendem o envelhecimento como um processo que promove crescimento, desenvolvimento e adaptação contínua até à morte.

Apesar de sabermos que a idade cronológica não coincide com a idade biológica devido às diferenças de funcionamento orgânico, podendo, portanto, apresentar diferenças de indivíduo para indivíduo, achamos que se torna importante referenciar como a Organização Mundial de Saúde (OMS) organiza os estágios em relação à faixa etária do ser humano, principalmente em relação ao que nos interessa retratar, o idoso. Sendo assim, entre os 61 e os 75 anos de idade a pessoa está incluída na faixa etária do idoso; entre os 76 e os 90 anos de idade a pessoa está incluída na faixa etária do ancião e, por fim, com mais de 90 anos a pessoa está incluída na faixa etária do extremamente velho. No entanto, Spirduso (1995) considera como idosos as pessoas com mais de 65 anos de idade.

Zambrana (1991), por sua vez, define os idosos como um grupo de pessoas «improdutivas», constituído por reformados, dos quais apenas se pode esperar complicações e despesas. Esta é uma ideia que muitas pessoas partilham, porque numa sociedade cada vez mais centrada no trabalho, uma pessoa que se reforma, mesmo tendo as suas capacidades diminuídas, mas funcionais, é diminuída pela própria sociedade que o rodeia, bem como por si mesmo. Isto acaba por prejudicar o próprio idoso na relação com o seu estado, visto que segundo Berger & Poirier (1995), os idosos são extremamente sensíveis e vulneráveis à opinião dos outros e à atenção que estes dão aos seus feitos e aos seus gestos. Sendo assim, podemos considerar que um idoso é um indivíduo que apresenta uma idade considerável, a partir dos 60 anos, que possuiu características específicas que se devem ter em conta e não devem ser menosprezadas pela sociedade.

4.3 Conceito de Idoso

Apesar de ter sido ao longo do século XX que se notou um maior aumento da população idosa, devido aos inúmeros factores já anteriormente referidos, o papel do idoso a nível social, já nos é referido desde tempos remotos.

Durante as civilizações antigas, como a Egípcia e Grega, o papel do idoso ora era visto como o apogeu de uma vida ou como a decadência de um indivíduo. Do Baixo Império à Alta Idade Média, os velhos estavam excluídos da vida pública e eram os jovens que comandavam o mundo, como nos refere no séc. VI Santo Isidoro de Sevilha, “os velhos não têm mais tanto bom censo como outrora, e caducam na sua velhice”. Durante a Renascença a velhice continuou associada ao tempo: “a decadência da vida.” O corpo humano começou a ser visto como uma máquina, mas não há nada a fazer para melhorar os estragos do tempo sobre a máquina, até que na Idade Moderna, com a ascensão da burguesia, o velho ganhou um maior espaço para existir.

Após esta pequena resenha histórica destacamos os conceitos de Platão e Aristóteles que nos parecem os mais abrangentes na caracterização da situação do idoso:

“Quanto mais se enfraquecem os outros prazeres – os da vida corporal – tanto mais crescem, em relação às coisas do espírito, minhas necessidades e alegrias. Os mais idosos devem mandar e os jovens obedecer” (Platão).

“Porque viveram inúmeros anos, porque muitas vezes foram enganados, porque cometeram erros, porque as coisas humanas são quase sempre más, os velhos não têm segurança em nada e seu desempenho em tudo está manifestamente aquém do que seria necessário. Vivem mais da lembrança do que da esperança” (Aristóteles).

Na actualidade, a velhice vive o seu eterno conflito, ora sendo exaltada como uma visão platónica, ora sendo degradada como na aristotélica, mas segundo Beauvoir (1992) “A velhice denuncia todo o fracasso da nossa civilização. (...) A sociedade só se preocupa com o indivíduo na medida em que este rende...”, mencionando ainda que na década de setenta, em França, “a condição das pessoas idosas é hoje escandalosa”, não existindo reciprocidade no olhar que a sociedade lança sobre o velho e que o asila como um morto em liberdade condicional”.

No nosso entender o idoso não deveria ser visto sob uma perspectiva aristotélica, mas sim numa perspectiva platónica, pois como nos refere Meirelles (2000) “A velhice não existe. O que existe é o ser humano pleno, a caminho da sua auto realização como pessoa humana, como indivíduo inimitavelmente único, como cidadão...”. Com isto

pretendemos valorizar a experiência do idoso e despertar o seu interesse em retomar o ser produtivo nele adormecido, dentro do entendimento de que a vida produtiva não pode estar afastada deste segmento da população. Pretendemos então reeducar a percepção que a sociedade tem do idoso, e a dele próprio, ligando-o ao presente e ao futuro e não irremediavelmente ao passado, criando possibilidades de vivenciar intensamente o agora, quando temos compromisso com os nossos actos e emoções do presente, sem desprezar o seu passado de experiências, vivências e emoções.

4.4 O idoso e o lúdico

Um dos aspectos que poderá ajudar o idoso a integrar-se e a aceitar o seu estado é a actividade física e em todos os planos fisiológico ou biológico, psicológico e social, visto que a actividade física acarreta benefícios em todos os planos apresentados. Zambrana (1992) enumera alguns dos benefícios da actividade física dos quais se destaca: o melhoramento das relações humanas; ao praticar desporto a pessoa ocupa o seu tempo de lazer e os seus tempos livres; consiste num meio de integração social; melhora o comportamento geral da pessoa e por fim consiste numa das actividades mais agradáveis da vida.

Estes benefícios vêm provar que o idoso que pratica actividade física pode suportar melhor a sua condição, assim como aceitá-la melhor e segundo o autor acima referido “pode encontrar uma forma mais sã, divertida e confortável de viver os últimos anos de vida”, sendo tal posição corroborada por Ruschel e Bertoldo (2000) quando afirmam que a ludicidade constitui uma necessidade interior não só para a criança mas também para o adulto. Estas actividades poderão mesmo consistir naquelas que eram praticadas enquanto crianças, visto que, segundo Fenalti (2004), as actividades realizadas na infância influenciam as actividades lúdicas nesta fase, interferindo de forma positiva no seu prazer e alegria.

Considerando este aspecto, torna-se necessário que a sociedade evolua de modo a que todos nós, pois a maioria da população irá chegar a essa condição, possamos desfrutar de uma qualidade de vida considerável durante essa fase. Deste modo, torna-se crucial que as actividades físicas e actividades lúdicas sejam consideradas como um instrumento válido de suporte à saúde mental, física e mesmo social. No entanto, a ideia actual de que quem trabalha é que é indispensável à sociedade consiste num entrave claro ao bem-estar das pessoas nessa fase da vida.

CAPÍTULO II

CARACTERIZAÇÃO DA FREGUESIA DE PERNES

Beneficiando de uma excelente situação geográfica, disposta entre dois montes, e com o rio Alviela aos pés, esta freguesia é constituída pelos lugares de Chã de Baixo, Moita, Outeiro de Fora, Póvoa das Mós e pela antiga e histórica Vila de Pernes, a sede da freguesia. Rio a que Pernes tudo deve, o Alviela foi cantado por poetas, deu o título a condes e morgados e constituiu durante muito tempo um dos principais recursos de abastecimento de água a Lisboa.

A freguesia de Pernes desde cedo se começou a distinguir, tendo um povoamento que remonta ao tempo dos romanos e ficando o seu nome marcado na história da conquista de Santarém, efectuada por D. Afonso Henriques em 1147. Em 2 de Dezembro de 1514, D. Manuel I atribuiu a Pernes, elevando a povoação a sede de concelho que viria a ser extinto em 24 de Outubro de 1855.

Ao longo dos séculos sempre foi notória a importância de Pernes, o que é atestado pela instalação de um Cartório Notarial em 1619, o qual funcionaria até 21 de Dezembro de 1950. Já antes, em 1587, tinha-se fundado a Santa Casa da Misericórdia, confirmada por alvará de Filipe I, datado de 23 de Maio de 1594. Em 1660, o Colégio dos Jesuítas era instalado na Quinta de S. Silvestre, após doação de Ana Silva à Companhia de Jesus. Os Jesuítas desenvolveriam um meritório trabalho em prol da cultura, distinguindo-se no ensino do latim e da matemática.

A freguesia de Pernes estende-se, actualmente, por uma área total de 14,1 km², localizada a cerca de 20 km de Santarém, sede de concelho. Tendo em conta a sua evolução demográfica, esta tem sido marcada por uma diminuição da população. Assim, como podemos verificar no Quadro 1, a população residente, ou seja, com residência na freguesia de Pernes no censo de 1981, era composta por 2015 indivíduos. No censo de 1991 baixou para 1941 habitantes, notando-se um decréscimo de 3.7% no total da população residente. No que se refere à população presente, ou seja, todas as pessoas que se deslocam a Pernes regularmente para desempenhar algum tipo de actividade, no censo de 1981 eram 1993 indivíduos e no censo de 1991 era de 1910 indivíduos, verificando-se um decréscimo de 4.2%.

Zona Geográfica	Censo 1981						Censo 1991					
	População Residente			População Presente			População Residente			População Presente		
	Total	M%	F%	Total	M%	F%	Total	M%	F%	Total	M%	F%
Pernes	2015	49.7%	50.3%	1993	49%	50.4%	1941	49%	51%	1910	49%	51%

Quadro 2 – Censo de 1981 e 1991, relativamente à população residente e presente

Olhando para o Quadro2, censo de 2001, notamos a mesma tendência do Quadro1, mas de uma forma bem mais acentuada, sendo a descida da população residente comparativamente com os censos de 1981 de 16.2%. Da mesma forma a população presente comparando com os censos de 1981 mostra uma descida de 20%.

Zona Geográfica	Censo 2001					
	População Residente			População Presente		
	Total	M%	F%	Total	M%	F%
Pernes	1689	48,9%	51.1%	1594	48.3%	51.7%

Quadro 3 – Censo de 2001, relativamente à população residente e presente

Podemos concluir que nestas duas décadas a freguesia de Pernes perdeu população, sendo na década de 1991 a 2001 que mais pessoas optaram por estabelecer residência fora de Pernes, e trabalhar noutras localidades.

Segundo informações recolhidas junto da autarquia, em 1998, o universo populacional rondava os 2000 moradores, dos quais 1766 eram recenseados. Tendo ainda em conta os dados do Censo de 1991, a população apresentava a seguinte composição: 344 indivíduos tinham entre 0 e 14 anos; 273 encontravam-se entre os 15 e os 24 anos; 937 pessoas situavam-se entre os 25 e os 64 anos; e 387 indivíduos tinham 65 ou mais anos. Estes valores já mostram alguma tendência para o envelhecimento. Os dados do Quadro 3, censo de 2001 revelam um acentuar dessa tendência. Referira-se, como demonstra o Quadro 3, que 44.5 % da população da freguesia de Pernes tem mais de 50 anos de idades. Este valor leva-nos a pensar na importância que a Santa Casa de Misericórdia tem nesta zona, ao apoio que pode dar a esta faixa da população cada vez mais numerosa. Faz-nos também reflectir sobre a necessidade de contribuir para a

melhoria da qualidade de vida desta faixa etária, nomeadamente proporcionando-lhes uma prática de actividade física especializada e regular.

Censo de 2001										
Zona Geográfica Pernes	Total	10-14 Anos	15-19 Anos	20-24 Anos	25-29 Anos	30-34 Anos	35-39 Anos	40-44 Anos	45-49 Anos	50 e mais Anos
Nº	1553	93	100	105	116	117	122	111	98	691
%	100%	6%	6.4%	6.8%	7.5%	7.5%	7.9%	7.1%	6.3%	44.5%

Quadro 4 – Censo de 2001, relativamente ao nº e % de indivíduos por escalão etário

Em relação à vida económica local, o sector primário assume uma pequena importância, contrariamente ao que se sucedia em décadas anteriores. Os dados do Quadro 4, relativos ao censo de 1991, mostram que 9.5% da população ainda se dedicava à agricultura, sendo as explorações agrícolas caracterizadas por minifúndios (60%) e médias explorações, propriedades com rentabilidade (40%), destinadas ao cultivo de produtos hortícolas, batata, feijão e a fruticultura. Apesar de se ter registado, nos últimos anos, iniciativas por parte de jovens agricultores, essencialmente ao nível das plantações de milho, beterraba, girassol, trigo e aveia, estas não contribuíram, efectivamente, para a manutenção deste sector de actividade económica na freguesia: em 2001 a população empregada neste sector representava apenas 6.2%.

O sector secundário continua a ser um dos principais pilares da economia local, devido essencialmente à tradicional indústria de torneados de madeira, sobretudo, nas décadas de 80 e 90. Esta actividade que tem vindo, ao longo dos anos, a garantir pleno emprego, tornando conhecido o nome da freguesia.

No entanto, segundo o actual Presidente da Junta de Freguesia de Pernes esta indústria tem vindo, ao longo dos anos, a “ (...) trazer alguns problemas. Portanto, o sector está em baixa e provocou alguns encerramentos de algumas fábricas e isso levou a que não houvesse alternativas para essas pessoas e, essencialmente, tiveram que procurar noutras zonas, nomeadamente, nos grandes centros ... e refiro-me ao concelho da Alcanena, principalmente, contando também alguns no concelho de Torres Novas e outros para a própria cidade de Santarém” (Presidente da Junta de Freguesia de Pernes, José Viegas).

Importante tem sido o papel do engarrafamento de águas de mesa, um sector onde se verificaram investimentos importantes nos últimos anos, existindo uma empresa de grande relevo económico.

Por último, no sector terciário, a freguesia encontra-se dotada de alguns serviços públicos, como são os casos da Guarda Nacional Republicana e Corporação de Bombeiros Voluntários, contando com um vasto e alargado leque de serviços privados, dispondo também de bons serviços ao nível da mecânica e construção civil. De facto, este sector de actividade económica, segundo os dados recolhidos, tem vindo a constituir-se como outro dos pilares da economia local.

Censos 1981				
Zona Geográfica	Total	Primário	Secundário	Terciário
Pernes	741	11.8%	58.9%	29.1%
Censos 1991				
Zona Geográfica	Total	Primário	Secundário	Terciário
Pernes	749	9.5%	55.7%	34.8%
Censos 2001				
Zona Geográfica	Total	Primário	Secundário	Terciário
Pernes	739	6.2%	43.6%	50.2%

Quadro 5 – População residente empregada, segundo o sector da actividade económica %

Ao nível da saúde, a freguesia dispõe de posto médico, laboratórios de análises clínicas, dentista e farmácias. Também é de referir a intensa vida associativa que Pernes apresenta, existindo diversas colectividades sem fins lucrativos, sendo elas: Atlético Clube de Pernes, Grupo de Dadores de Sangue, CLAPA, Sociedade Musical União Pernense e Sociedade Recreativa e Filarmónica Pernense.

A rede escolar é constituída por estabelecimentos do ensino pré-primário, três escolas do ensino básico do 1ºCiclo e uma escola do ensino básico de 2º e 3º Ciclo pública. Os alunos dos restantes escalões escolares frequentam as escolas da sede do concelho.

1. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE PERNES

Esta instituição implantada em Pernes desempenha um importante papel, quer como empregadora, quer como contribuinte. Fundada em 1587, é a única infra-estrutura de apoio à terceira idade na freguesia de Pernes e tem como objectivo social promover o bem-estar, cuidar familiarmente e prestar todos os cuidados na velhice e na invalidez.



Esta instituição perfaz 416 anos de labor em prol daqueles que, pernenses sobretudo, de alguma forma carecem do apoio. A Santa Casa da Misericórdia de Pernes orgulha-se de ter sido galardoada no ano de 2003, com medalha de ouro de “mais benemerita do Concelho de Santarém”, não porque isso se traduza em qualquer outra honraria que não seja a satisfação do cumprimento da missão que lhe cabe.

Valência de Lar

O Lar é uma residência comunitária com o objectivo de dar uma resposta global, em condições dignas e humanas, às necessidades dos idosos que não se possam manter definitiva ou transitoriamente no seu meio familiar ou social. Assim, para a concretização dos seus objectivos, o Lar assegura a todos os seus utentes:

- Alojamento, incluindo os serviços de alimentação, higiene e tratamento de vestuário;
- A concretização de actividades individuais e de grupo, em conformidade com as preferências manifestadas pelos utentes, permitindo-lhes uma vida tanto quanto possível activa e útil, na medida das suas aspirações e capacidades;
- A adopção de regras de funcionamento que contribuam para a conservação de uma vida afectiva saudável dos utentes, designadamente estimulando a manutenção e, se possível, o reforço dos laços existentes entre estes e os seus familiares e amigos;

- A promoção e vigilância da saúde dos utentes e uma adequada resposta em caso de enfermidade, garantindo para o efeito, a necessária articulação com os serviços públicos de saúde.

Valência do Centro de Dia

O Centro de Dia funciona no Lar de Idosos e desenvolve um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção dos idosos no seu meio sócio-familiar. Esta valência aparece como uma estrutura de apoio social, que fornece diversos serviços, dando respostas imediatas a algumas carências dos idosos da Vila de Pernes, favorecendo as relações interpessoais, evitando o isolamento e promovendo actividades sócio-culturais diversificadas.

Valência de Apoio Domiciliário

O Apoio Domiciliário é uma resposta social a partir do Lar de Idosos, que consiste na prestação de cuidados individualizados e personalizados no domicílio, a idosos, adultos e famílias que, quando por motivo de doença, deficiência ou outros impedimentos, não possam assegurar temporária ou permanente, a satisfação das suas necessidades básicas e/ou as actividades da vida diária. Para tal são assegurados nesta valência os serviços de: alimentação, cuidados de higiene e conforto, tratamento de vestuário e higiene habitacional.

Com o desenvolvimento dos Serviços de Apoio Domiciliários, estes saem da instituição e vão até à casa do utente, à procura do bem-estar do mesmo, esperando que este possa permanecer no seu lar o máximo de tempo possível.

Condições Gerais do Lar

Pretendendo ser um Lar gerontológico de referência e qualidade elevada, esta instituição tem à disposição dos seus residentes:



- Assistência médica de clínica geral;
- Enfermagem permanente;
- Limpeza e tratamento de roupas de cama;
- Limpeza de quarto;
- Televisão na maioria dos quartos;
- Casa de banho individual na maioria dos quartos;
- Aquecimento central nas áreas e salas comuns.

Porque a solidão é a principal doença da velhice e para essa não há cientista nem fármaco que a trate, não se deve só manter os idosos vivos, mas sim com condições, e é, em torno deste objectivo que o Lar da Santa Casa da Misericórdia de Pernes desenvolve todas as suas actividades. Este Lar, é uma residência que se rege por uma filosofia criada para instituições de apoio a pessoas do foro gerontológico. Pretende criar um ambiente familiar, acolhedor e compreensivo onde o relacionamento entre residentes, pessoal e direcção, permita uma maior autonomia dos primeiros.

O principal objectivo desta instituição é fazer com que o envelhecimento se dilua na vida, sem impedir que os idosos deixem de manter uma vida com qualidade e interesse.

CAPÍTULO III

1.METODOLOGIA

O método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que se deve empregar na investigação, isto é, trata-se da linha de raciocínio adoptada no processo da pesquisa.

Como tal neste estudo traçou-se uma linha de raciocínio baseada numa metodologia qualitativa, considerando esta, que existe um vínculo indissociável entre o mundo objectivo e a subjectividade do sujeito que não pode ser traduzida em números, sendo o ambiente natural a fonte directa para a recolha de dados e o pesquisador o instrumento chave. Este tipo de metodologia é normalmente descritiva e os pesquisadores tendem a analisar os seus dados indutivamente.

Em relação à técnica de recolha de dados, neste estudo utilizou-se a entrevista semidirectiva (semi-estruturada) com os idosos. Recorremos a este tipo de entrevista, pois segundo Ruquoy (1997), trata-se de uma técnica que permite por um lado ao próprio entrevistado estruturar o seu pensamento em torno do objecto perspectivado, e por outro, elimina do campo de interesse diversas considerações para as quais o entrevistado se deixa naturalmente arrastar e exige o aprofundamento de pontos que ele próprio não teria explicitado.

1.1 - Objectivos do estudo

Os objectivos designados para este estudo são:

- Caracterizar o contexto socio-político e cultural da época relacionada com a infância dos indivíduos idosos.
- Identificar e analisar os jogos, brincadeiras e brinquedos da infância de indivíduos idosos da Santa Casa da Misericórdia de Pernes.
- Classificar os jogos, brincadeiras e brinquedos referidos pelos idosos.

1.2 - Justificação do estudo

A escolha deste tema deveu-se ao interesse pelos jogos, brinquedos e brincadeiras de antigamente, que são parte fundamental da nossa cultura e que de forma alguma podem ser negligenciados ou esquecidos pelas sociedades mais modernas.

É certo e sabido que muitos dos nossos idosos tem uma esperança de vida muito mais alargada nos dias de hoje do que no passado. Nesta perspectiva, essa longevidade poderá ser aproveitada para que seja possível documentar e analisar o que essas pessoas realizavam na sua infância.

Esta identificação e análise torna-se importante para que no futuro possamos interpretar as diferentes formas de brincar e jogar, não deixando que se percam com o tempo. Sendo assim, estas descrições podem ser benéficas para os vários profissionais, principalmente os de Ciências do Desporto e Educação Física, para que se possa revitalizar ou reunificar estes jogos de modo a que possam ser aplicados no contexto escolar.

Juntando este interesse ao gosto pelos jogos tradicionais e populares, achamos pertinente efectuar um levantamento dos jogos, brinquedos e brincadeiras dos nossos antepassados e tentar efectuar uma ponte entre esses jogos e brincadeiras com o contexto social que se vivia na altura, de forma a poder conhecer melhor quais os motivos e o significado da realização dos mesmos.

Especificamente para a justificação deste estudo acrescento o facto desta instituição, a Santa Casa da Misericórdia de Pernes, ainda não ter sido alvo de nenhum estudo semelhante e por ter uma enorme representação para a comunidade local.

1.3 - Delimitação do estudo

O presente estudo está delimitado à freguesia de Pernes e a um grupo de idosos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 70 e os 91 anos, estando todos integrados no Lar da Santa Casa da Misericórdia de Pernes.

Para a selecção dos sujeitos que fazem parte do estudo, baseamo-nos em Ruquoy que nos refere: “Nos estudos qualitativos interroga-se um número limitado de pessoas, pelo que a questão da representatividade, no sentido estatístico do termo, não se coloca. O critério que determina o valor da amostra passa a ser a sua adequação aos objectivos

da investigação, tomando como princípio a diversificação das pessoas interrogadas e garantindo que nenhuma situação importante foi esquecida”.

Escolhemos esta instituição vista ser a que mais perto se encontra do local de residência do investigador e pelo bom relacionamento e conhecimento das pessoas responsáveis pela instituição.

1.4 - Descrição do Instrumento

A recolha dos dados, por nós realizada junto dos idosos, foi feita através da técnica de entrevista semi-dirigida, adaptada de outros trabalhos desenvolvidos na mesma área, no qual foi utilizado como base um guião já existente de Caetano (2004).

Segundo Ruquoy, este procedimento corresponde à lógica da entrevista semidirectiva, na medida em que explora livremente o pensamento do outro, permanecendo ao mesmo tempo no quadro do objecto de estudo.

O guião de entrevista é constituído por 3 partes distintas. A primeira foi constituída por 6 perguntas relativas à informação pessoal do indivíduo (idade, residência actual, residência durante a infância, residência rural ou urbana nível de escolaridade e profissão exercida no passado). A segunda foi constituída por 3 questões, pretendendo conhecer a ideia que os indivíduos tinham sobre as condições socio-políticas e culturais do país durante a sua infância, enquanto a terceira parte foi constituída por perguntas relativas aos jogos, brinquedos e brincadeiras que o indivíduo teve contacto durante a sua infância.

Mais especificamente esta última parte é constituída por perguntas de orientação que se destinam a identificar os jogos, os brinquedos e as brincadeiras e as suas principais características, solicitando-lhes descrições o mais detalhadas possível.

1.5 - Procedimentos

O primeiro contacto com a Provedora da Santa Casa da Misericórdia de Pernes deu-se em meados do mês de Outubro, através de uma reunião informal com o objectivo de sondar a possibilidade de realizar este estudo nesse local. A resposta foi positiva, no entanto, para oficializar o pedido, foi-nos solicitado que enviássemos uma carta dirigida à Provedora da Santa Casa da Misericórdia de Pernes. Essa carta foi escrita e devidamente enviada pelo Conselho Directivo da Faculdade de Ciências do Desporto e

Educação Física da Universidade de Coimbra, à Provedora da Santa Casa da Misericórdia, pedido este posteriormente deferido. Sem mais burocracias e com bastante entusiasmo a Provedora Maria dos Anjos Patusco colocou-me à vontade para frequentar o espaço da Santa Casa e entrar em contacto com os futuros entrevistados.

Realizei um calendário de entrevistas e durante os meses de Fevereiro e Março, comecei a recolha de dados. As entrevistas foram realizadas em 6 sessões todas da parte da tarde, na sala de convívio. Cada entrevista teve em média a duração de 1 hora, variando, dependendo da disposição do entrevistado.

As entrevistas começavam com uma conversa informal onde se pretendia estabelecer um clima de relativa confiança entre o entrevistado e o entrevistador, seguindo-se uma breve descrição do objectivo do estudo e assegurando-lhe, a total confidencialidade dos dados colectados (Bogdan, 1994). Para a gravação das entrevistas foi utilizado um gravador de cassetes de marca SANYO, modelo M-1119 e duas cassetes SONY HF de 90 minutos.

No final da entrevista procedia-se aos agradecimentos pela disponibilidade de terem participado no estudo.

1.6- Tratamento, Análise e Apresentação dos Dados

A análise de conteúdo é um processo fundamental e fulcral para o estudo e compreensão dos dados recolhidos, Bardin (1977) refere-nos então que esta análise é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdos das mensagens, indicadores (...) que permitam a inferência de conhecimentos, relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”

Iniciamos a análise com a transcrição das entrevistas, um passo especialmente moroso, mas algo que achamos indispensável, pois desta forma conseguimos transcrever para o papel não só os discursos que estavam gravados no gravador, mas todas as situações que acontecerem durante a entrevista e que nos pareceram pertinentes.

Após a transcrição das entrevistas, tivemos que as identificar para que o estudo das mesmas se tornasse mais fácil. Então a cada entrevista foi dado um código, por exemplo: (I1) que quer dizer que este é o idoso 1 ao qual pertence a primeira entrevista.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), “a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve de ser apreendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.” Desta forma foi elaborado para cada tema referido nas entrevistas, uma grelha representativa das categorias, subcategorias e os respectivos indicadores, acompanhados de um pequeno excerto das entrevistas para fundamentar a nossa divisão.

Para cada jogo e brincadeira elaboramos um quadro síntese onde colocamos as informações sobre o modo de jogar/brincar, os intervenientes, o local onde jogavam/brincavam, como era efectuada a aprendizagem, quando era jogado/brincado e que tipo de castigos eram aplicados. Para os brinquedos elaboramos um quadro síntese onde referimos os materiais, a confecção, o modo de brincar, os intervenientes e o local da brincadeira.

Foram também realizados quadros onde sistematizamos as informações anteriores de modo a facilitar a identificação dos mesmos.

Na análise e discussão dos resultados, elaboramos vários gráficos que irão ser interpretados através de texto narrativo com excertos das entrevistas, tentando confrontar com o que foi referido na revisão da literatura.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE, APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No decorrer deste capítulo iremos proceder à apresentação, análise e discussão das respostas obtidas com a aplicação das entrevistas, utilizando sempre que possível, gráficos, de forma a facilitar a compreensão dos dados obtidos e, desta forma, conseguir-se efectuar um confronto destes com a literatura consultada.

Para melhor compreensão, irei dividir em três partes a análise, a apresentação de dados e a discussão dos resultados em:

- Caracterização da amostra;
- Caracterização das condições sócio-político-culturais do País, no período da infância dos sujeitos da amostra;
- Análise dos jogos, brinquedos e brincadeiras.

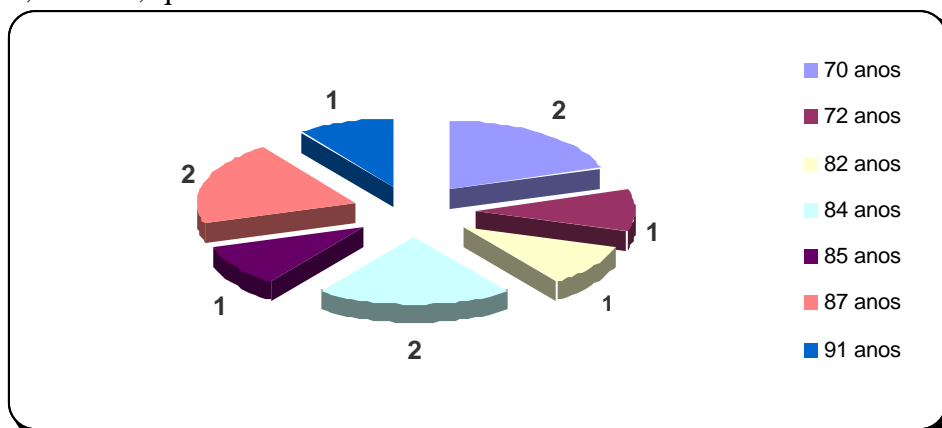
1 - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra utilizada neste estudo foi constituída por 10 indivíduos do sexo masculino, englobados na faixa etária dos 70 aos 91 anos, inclusive. Com esta caracterização pretendemos obter informações que nos possam ser úteis para retirar algumas conclusões. Estas serão cruzadas com as informações recolhidas da caracterização do País e da caracterização das várias actividades lúdicas praticadas pelos entrevistados na sua infância.

1.1- Distribuição da amostra segundo a idade

Pela análise do gráfico 1, constatamos uma baixa homogeneidade na faixa etária da amostra. Apenas os grupos etários dos 70, 84 e 87 anos apresentam dois indivíduos, sendo os restantes indivíduos de idades diferentes.

Considerando isto, verificamos que a média de idades da amostra é de 81.2 anos de idade, e ainda, que os nascimentos se situam entre o ano de 1914 e o ano de 1935.



Observamos, assim, que 8 destes indivíduos idosos viveram a sua infância no período em que se deu a transição da Primeira República, iniciado em 1910, para o Regime Ditatorial, iniciado em 1926.

Gráfico 1 – Distribuição da amostra segundo a idade

1.2 - Distribuição da amostra quanto à zona de residência durante a infância

No que diz respeito à análise do gráfico 2, verificamos que apenas 2 dos 10 indivíduos inquiridos residiam num meio urbano durante a sua infância. Os restantes 8 residiam numa zona rural.

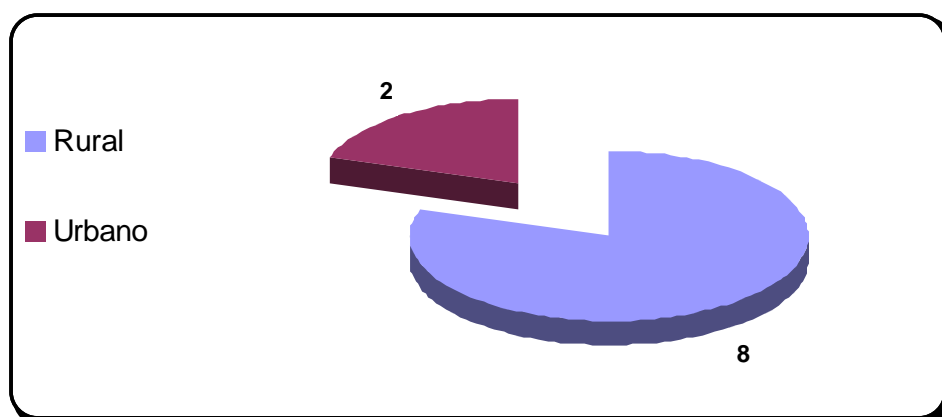


Gráfico 2 – Distribuição da amostra quanto à zona de residência durante a infância

1.3 - Distribuição da amostra quanto à localidade de residência durante a infância

No que diz respeito ao local de residência dos entrevistados durante a infância, segundo o gráfico 3, verificamos que esta amostra se distribui homogeneamente, significando que 8 dos 10 inquiridos viveram na vila de Pernes durante a sua infância, havendo apenas dois indivíduos que se deslocaram para Pernes, tendo origens em Lagos e Seixal.

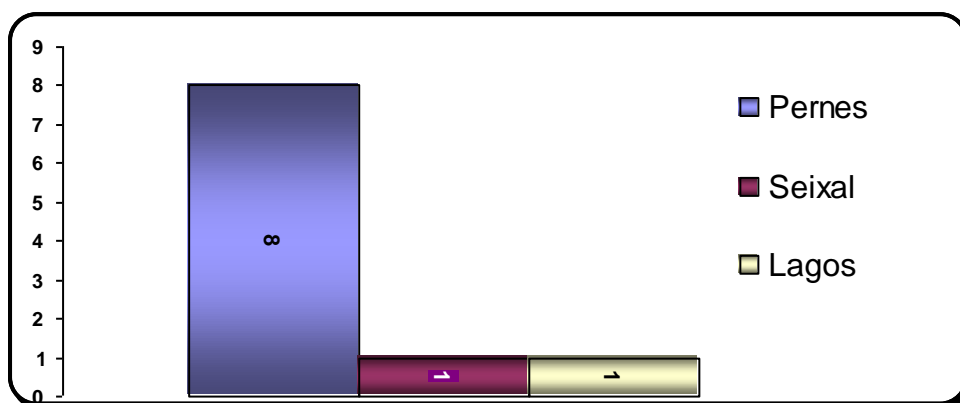


Gráfico 3 – Distribuição da amostra quanto à localidade de residência durante a infância

1.4 - Distribuição da amostra segundo o nível de escolaridade

De acordo com o gráfico 4, podemos verificar que todos os indivíduos frequentaram a escola, sendo que 8 frequentaram o estabelecimento de ensino em Pernes. Todos concluíram a escolaridade obrigatória, que na altura do Estado Novo era a 3ª classe, à excepção de um dos indivíduos, que não concluiu o ensino obrigatório da altura, talvez devido ao facto de ser oriundo de uma zona urbana.

Acreditamos que a alta taxa de escolaridade desta amostra se deve ao facto de, durante o Estado Novo se terem criado os postos escolares que faziam a cobertura da freguesia de Pernes, sendo na altura uma zona bastante importante a nível industrial.

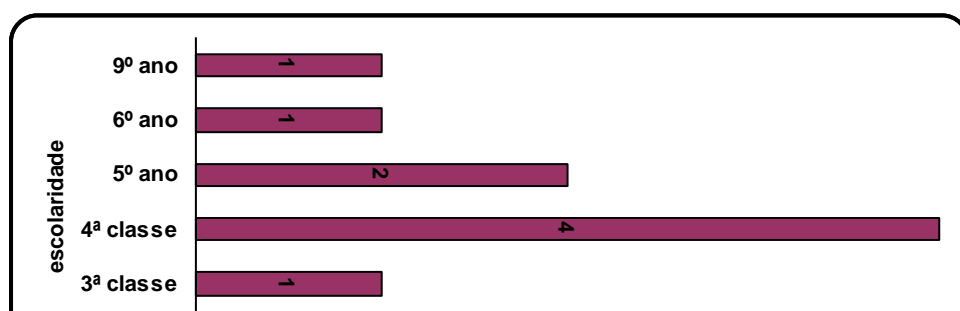


Gráfico 4 – Distribuição da amostra segundo o nível de escolaridade

1.5 - Distribuição da amostra segundo a profissão que exerceram, após a escolaridade

De acordo com o gráfico 5, concluímos que 6 dos inquiridos no fim dos seus estudos, enveredaram por trabalhar nos sectores que mais perspectivas lhes davam na altura em Pernes. Destes 6 indivíduos, 3 seguiram a agricultura, sector primário, o mais desenvolvido nesta zona em décadas anteriores. Os restantes 3 seguiram o sector secundário e enveredaram pela indústria dos torneados, sendo a indústria que mais postos de trabalho e riqueza gerou em décadas anteriores, nesta zona.

Os restantes inquiridos, incluindo os 2 indivíduos que não eram oriundos de Pernes desempenharam profissões um pouco mais diversificadas, como motorista, operário metalúrgico, decorador e sargento militar, profissões pouco comuns das zonas rurais.

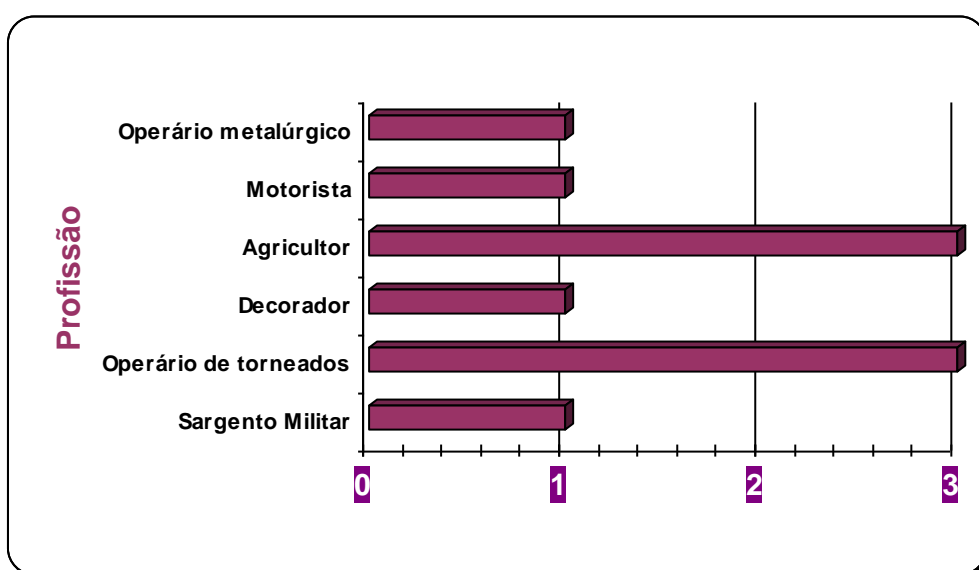


Gráfico 5 – Distribuição da amostra segundo a profissão que exerceram após à escolaridade

2. CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DO PAÍS DO PONTO DE VISTA DOS IDOSOS

Os idosos, quando questionados sobre a situação do país durante o período da sua infância, deram respostas curtas em alguns casos, mas noutros casos foram bastante descritivos e deram respostas razoavelmente longas.

2.1 Consciência da situação política

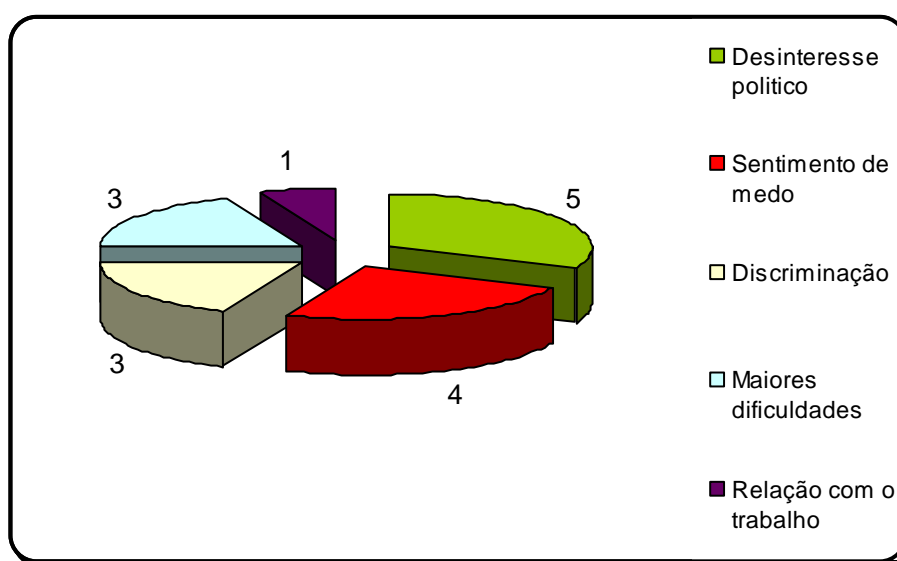


Gráfico 6 – Consciência da situação política

Quanto à consciência da situação política referida pelos entrevistados, pela análise do gráfico 6, verificamos que 5 indivíduos idosos, apresentavam um desinteresse político evidente, retratando-o com afirmações como “*sabia que havia qualquer coisa, mas não sabia de nada...*” (I6); “*Mas, eu não percebia nada das conversas, nem queria perceber.*” (I3). Este desinteresse pode estar relacionado com os poucos meios de comunicação existentes na altura, ou também com o facto destes indivíduos residirem numa zona rural, afirmando “*Nós não sabíamos nada de politica, vivíamos no casal, não tínhamos hipóteses de sair*”(I8). Segundo Mónica, Maria F.(1996), “*nas aldeias, os dias eram monótonos, “não havia qualquer tipo de participação politica...o mundo exterior não existia”*”.

Considerando este panorama, podemos inferir, por um lado, que as crianças durante a sua infância não se preocupavam muito com estas situações. Por outro lado,

esse desinteresse podia advir das políticas educativas do governo de Salazar, que fomentavam a ausência de espírito crítico e de participação na vida social.

De seguida, constatámos que 4 indivíduos idosos, apresentavam um sentimento de medo em relação à situação política da época referida, tendo afirmações como, “*É difícil, as pessoas sabem lá como era, eu vivi lá 23 anos sempre com o coração nas mãos...*” (I2).

Analisando o sentimento de discriminação imposto pelo regime de Salazar sentido pelos entrevistados, referimos 3 idosos que expressaram a sua indignação com as seguintes palavras, “*...porque não liguei e não forneci os dados que deveria ter fornecido e devido a essa situação política fui prejudicado...*”(I2) , “*... apesar de haver um bocado de..., as pessoas serem perseguidas.*”(I4).

Continuando, constatámos que 3 indivíduos idosos, referiram que a situação política da altura lhes trazia maiores dificuldades, expressando este sentimento com afirmações do tipo, “*Portanto, era o Salazar, era pior do que é hoje...*”(I4). Também é de referir, que um dos idosos relacionou a situação política com o trabalho dizendo, “*...era trabalhar ajudar os meus irmãos e guardar o gado*”(I8).

Podemos inferir que os indivíduos idosos que referiram um sentimento de medo e de discriminação, conheceram de perto as limitações impostas naquela época, que advinham da existência de uma censura feroz que tem na P.I.D.E. o seu principal instrumento.

2.2 Papel da Mulher

Segundo os relatos dos nossos entrevistados em relação ao papel que as Mulheres tinham na sociedade da altura, pela análise do gráfico 7, verificamos que 3 indivíduos referiram que as Mulheres trabalhavam com o objectivo de ajudar os maridos “*A Mulher trabalhava na agricultura lá na minha zona, tal e qual como o homem*”(I8). O mesmo número de indivíduos referiram que as Mulheres tinham como papel educar os seus filhos, enquanto que apenas 2 idosos referiram que o seu papel era executar funções domésticas, estar em casa e fazer as suas tarefas, ou seja, tinham um papel de donas de casa.

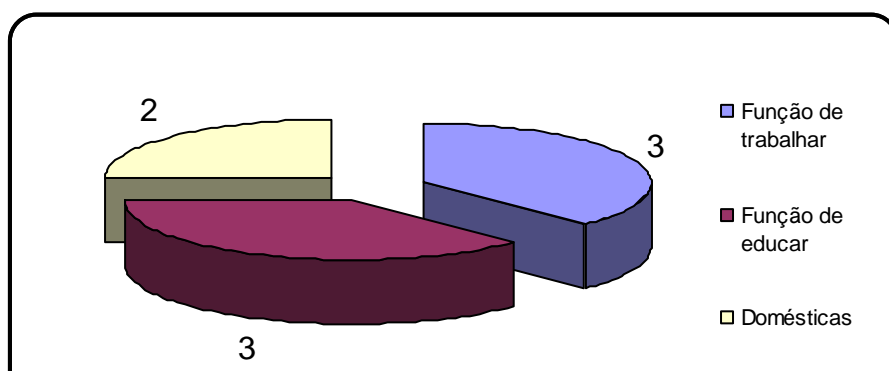


Gráfico 7 – Papel da Mulher na sociedade do início o século XX

Assim, verificamos que o papel da Mulher na sociedade da época referido pelos entrevistados, está de acordo com a ideologia Salazarista sobre a sociedade e a família. A Mulher deveria permanecer em casa, com funções claras de educar os filhos e tomar conta da casa. No entanto, como a maioria das famílias era muito grande, com muitos filhos, muitas vezes a Mulher tinha de acumular funções e trabalhar fora, ajudando o marido a sustentar a casa, tentando aliviar a situação de pobreza que se fazia sentir.

2.3 Estatuto da Mulher

Quanto ao estatuto que as mulheres tinham na sociedade da altura, verificamos que todos os indivíduos que o mencionaram, ou seja, 9 referiram que a mulher tinha um estatuto inferior em relação aos homens. “...a mulher não mandava nada, o homem é que mandava tudo, tens de fazer isto e era assim.”(I10)

Analisando o Gráfico 8, encontramos 4 idosos que nos transmitiram um sentimento de respeito perante a Mulher, 3 mostraram que a Mulher era injustiçada socialmente, colocando-as sempre num plano inferior ao do Homem, e até 2 dos entrevistados afirmam que a Mulher era vítima de maus-tratos, como a seguinte expressão evidencia “ *Coitadas a maior parte delas até levava pancada...*”(I4)

Podemos inferir que, em parte, este estatuto inferior atribuído às Mulheres, partia das ideias do regime de Salazar quanto à educação. Além da separação dos géneros nas escolas, as mulheres recebiam uma instrução diferenciada dos Homens, à base de disciplinas como economia doméstica, aprendendo tarefas como cozinhar, bordar e talhar, ou seja, orientadas essencialmente para as suas futuras funções de esposa e dona de casa, sempre submissa ao marido.

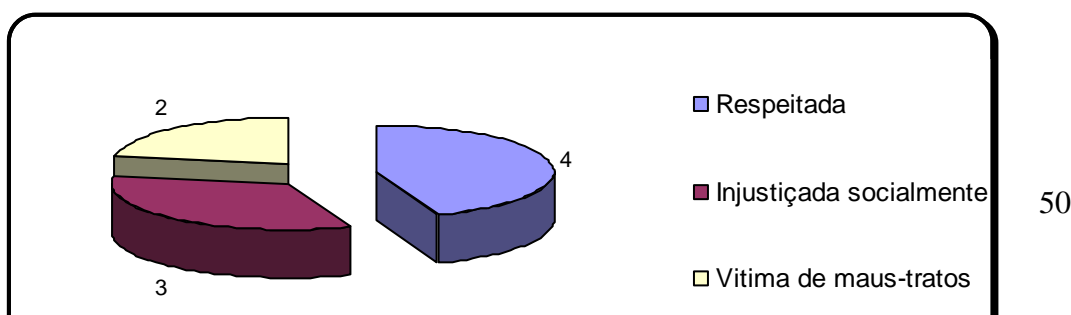


Gráfico 8 – Estatuto da Mulher na sociedade do início o século XX

2.4 Condicionantes das expressões lúdicas

Quanto à forma como a política condicionava o desenvolvimento das actividades lúdicas, pela análise do gráfico 9 verificamos que 3 indivíduos referiram que a política não as condicionava, com respostas do tipo, “*Não, brincar é brincar*”(I1), “*Não, acho que não, a política não tinha nada a ver*”(I7).

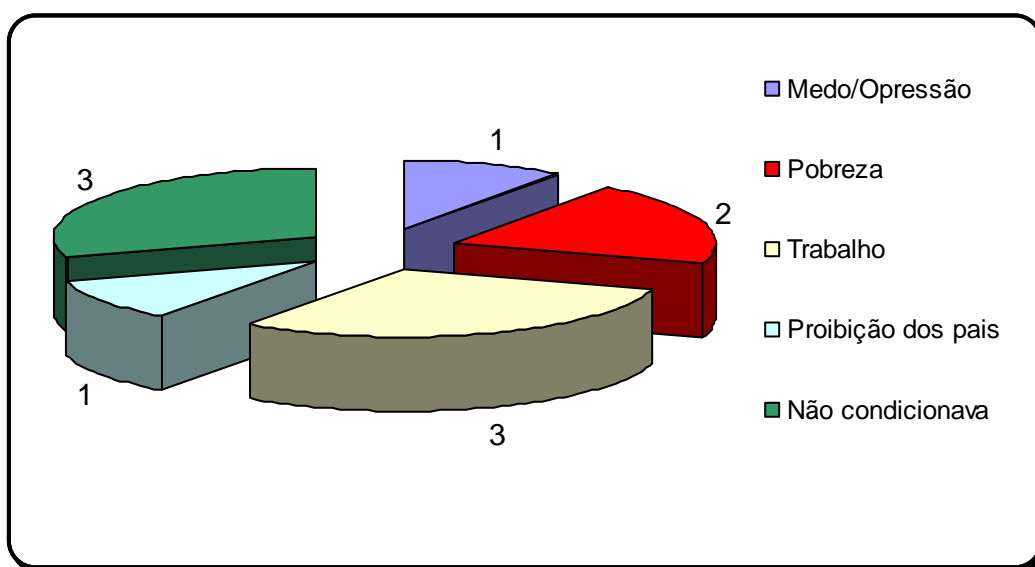


Gráfico 9 – Condicionantes das actividades lúdicas

Voltando ao gráfico 9, constatamos que 7 idosos responderam que “condicionava”. Categorizando estas 7 respostas em 4 categorias, apercebemo-nos que o “trabalho” era a maior condicionante do livre desenvolvimento das actividades lúdicas, segundo os entrevistados, “*Não tinha tempo para brincar, tinha de estar na fazenda ou na oficina.*”(I5). De seguida, 2 idosos referiram que a situação de pobreza em que viviam condicionava a sua forma de brincar, “*...sem posses nenhuma, houve muitas famílias por aí que nem mandavam os filhos para a escola...*”(I6). O facto de nesta altura se começar a trabalhar muito cedo, devido à má situação económica no meio rural

e aos grandes agregados familiares, o tempo era pouco, o que condicionava o modo e o tipo de brincadeiras realizadas por estes 5 entrevistados.

Também é de referir que um entrevistado enunciou o facto dos seus pais o proibirem de brincar, “...só não brinquei mais porque o meu pai não me deixava”(I6). Mais uma vez se reforça a ideia de que com tanto trabalho e com tanta pobreza não havia tempo para brincar.

Apesar de apenas 1 dos entrevistados ter referido “as pessoas coitadas, tinham medo de brincar.” (I4), admitimos que o clima de medo e opressão sentidos na altura condicionava o livre desenvolvimento de actividades lúdicas. Podemos verificar ainda que a P.I.D.E. era um forte mecanismo da manutenção do regime ditatorial, principalmente através da censura que exercia em todos os aspectos da vida dos portugueses. Isto vai ao encontro de Marques (1997), que referiu que “a censura conheceu um endurecimento marcado, milhares de pessoas recolheram à prisão, a polícia política passou a interferir cada vez mais no quotidiano dos cidadãos”.

3- JOGOS, BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS DOS ENTREVISTADOS

Independente da época, cultura e classe social, os jogos, brincadeiras e brinquedos, fazem parte da vida da criança, pois elas vivem num mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonho, onde realidade e faz-de-conta se confundem.

É através dos jogos, brinquedos e brincadeiras que a criança se prepara física, psicológica e culturalmente para a vida, envolvendo-se e vivenciando cada experiência de maneira única e exclusiva.

Abordar a temática dos jogos, brincadeiras e brinquedos apresenta-se como uma situação extremamente relativa e subjectiva, não podendo ser separada de factores históricos, sociais e culturais. Cada época e cultura têm os seus jogos, brinquedos e brincadeiras, contribuindo para a diversidade das actividades lúdicas inerentes à vida e existência humana.

A matriz de categorização para os jogos e brincadeiras foi efectuada, estabelecendo categorias “quanto à acção” e “quanto aos materiais dos jogos”, utilizando seguidamente classificações para cada uma destas duas categorias. Para a categoria “quanto à acção”, adaptamos uma classificação de Cameira Serra (1998), e para os materiais utilizamos uma classificação elaborada por nós. A matriz de

categorização para os brinquedos, foi efectuada, estabelecendo apenas uma categoria “artesanal”, utilizando uma classificação elaborada por nós para classificar os brinquedos.

Todas estas categorias e classificações são exemplificadas com excertos do discurso dos entrevistados em anexo.

3.1 Jogos

Através da análise do gráfico 10, verificamos que os entrevistados referiram 20 jogos diferentes, sendo o jogo do Xinquilha referido por 6 entrevistados. Também é de referir que os jogos do Berlinde, Corridas, Bota-a-baixo e do Botão foram referidos por 3 entrevistados. Sendo estes os jogos mais significativos da nossa amostra, podemos referir que, no que diz respeito ao local e aos intervenientes da sua prática, eram realizados em espaços exteriores maioritariamente por rapazes.

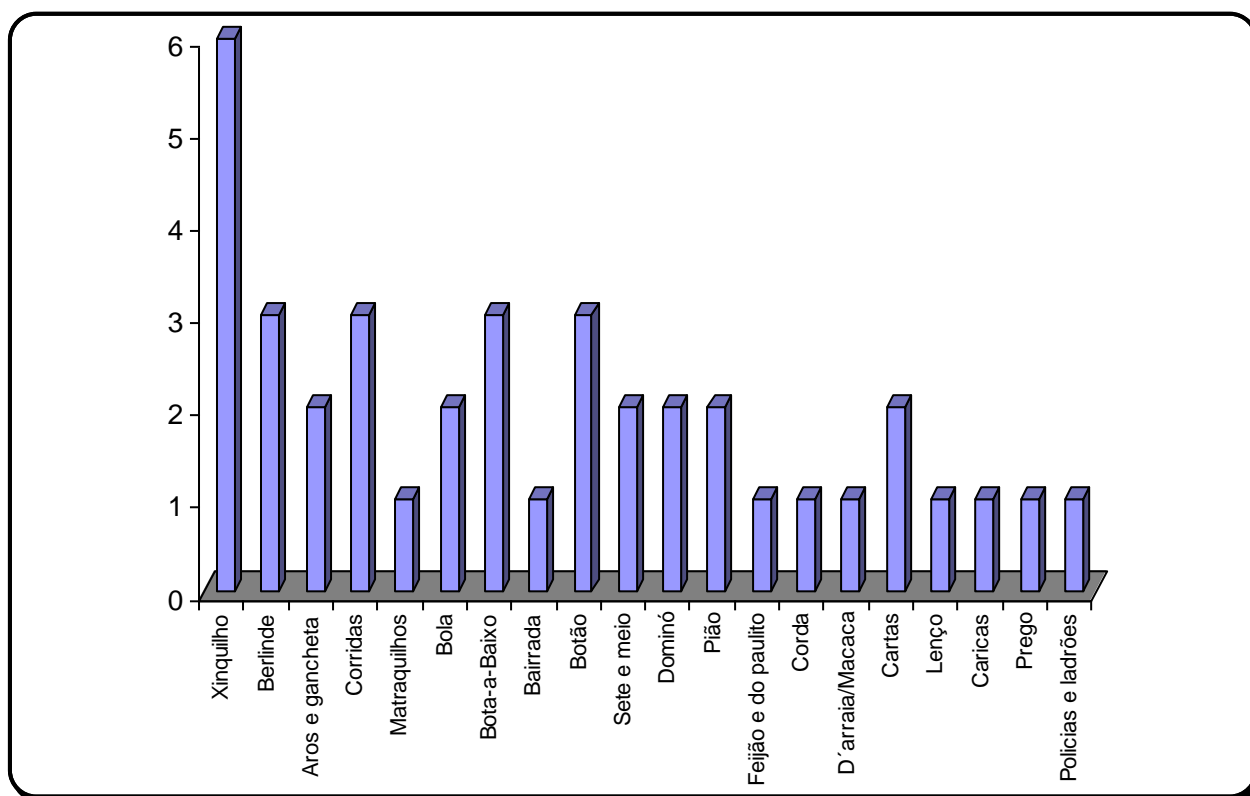


Gráfico 10 – Jogos mencionados pelos entrevistados

Em relação ao número de jogos mencionados pelos entrevistados, verificamos que a maioria mencionou entre 3 a 4 jogos, contudo é muito provável que nas suas infâncias tenham realizado mais jogos que não referiram, pois já passaram muitos anos e como é dito na revisão da literatura, uma das alterações que é fruto do envelhecimento, principalmente a nível psicológico, é a deterioração da memória. Este

facto foi comprovado no nosso estudo quando um dos entrevistados menciona “*É difícil lembrar-me, mas nós fazíamos tudo*” (17).

3.1.1 Classificação dos Jogos

Tendo em conta os jogos mencionados pelos entrevistados, quanto à acção verificamos que a classificação mais significativa, com 37%, é a de jogos de lançamento e precisão, tais como o Xinquilho, o Berlinde, Bota-a-baixo e do Botão.

O segundo tipo de jogos mais praticados era os de classificação de mesa e de descoberta, com 17% e 15% respectivamente. As classificações dos jogos menos referidos foram os de com bola, de corridas e perseguição, de locomoção e de saltos.

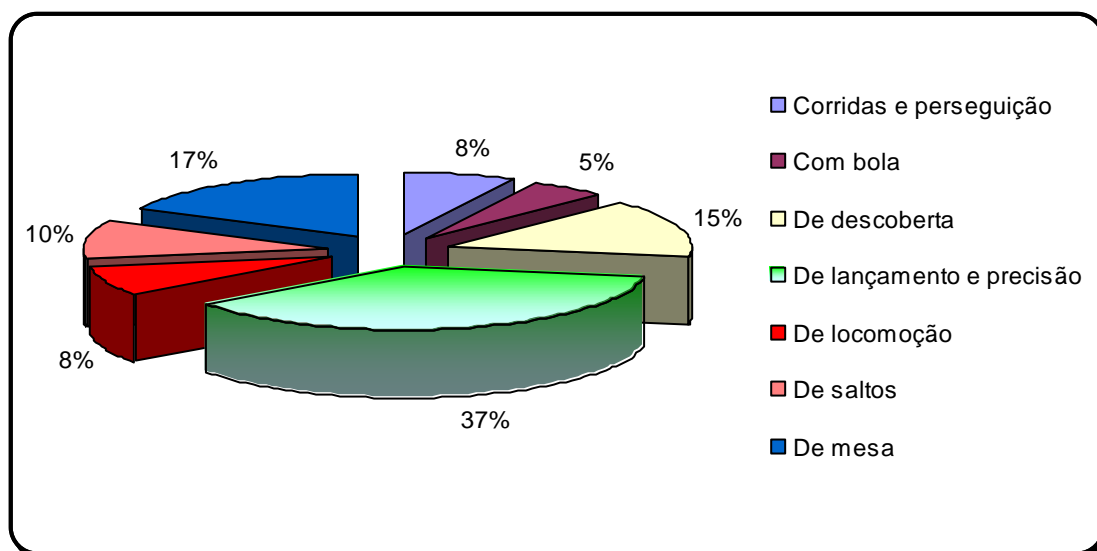


Gráfico 11 – Classificação dos jogos quanto à acção

3.1.2 Materiais utilizados nos jogos

Quanto aos materiais utilizados nos jogos, é de referir que 39% dos jogos referidos não necessitavam de materiais para serem realizados. Nos jogos em que era necessário material, o mais utilizado era a madeira, com 28% de utilização nos jogos referidos. Esta conclusão é facilmente visível, dado o facto de que na zona de Pernes, em décadas anteriores, o sector secundário ser um dos principais pilares da economia local, devido essencialmente à tradicional indústria de torneados de madeira. A abundância

desta matéria-prima e o conhecimento de como se trabalhava a madeira, chamado por muitos a arte de tornear contribuiu nesta zona para a forma de brincar. Muitos dos entrevistados referiram que não brincavam mais porque estavam a trabalhar. Acreditamos que nessa altura, quando alguns dos entrevistados desenvolviam algum tipo de trabalho relacionado com os torneados, aproveitavam o tempo para se divertirem e para aprender a sua futura profissão, sendo de referir que 3 dos entrevistados trabalharam na indústria dos torneados toda a sua vida.

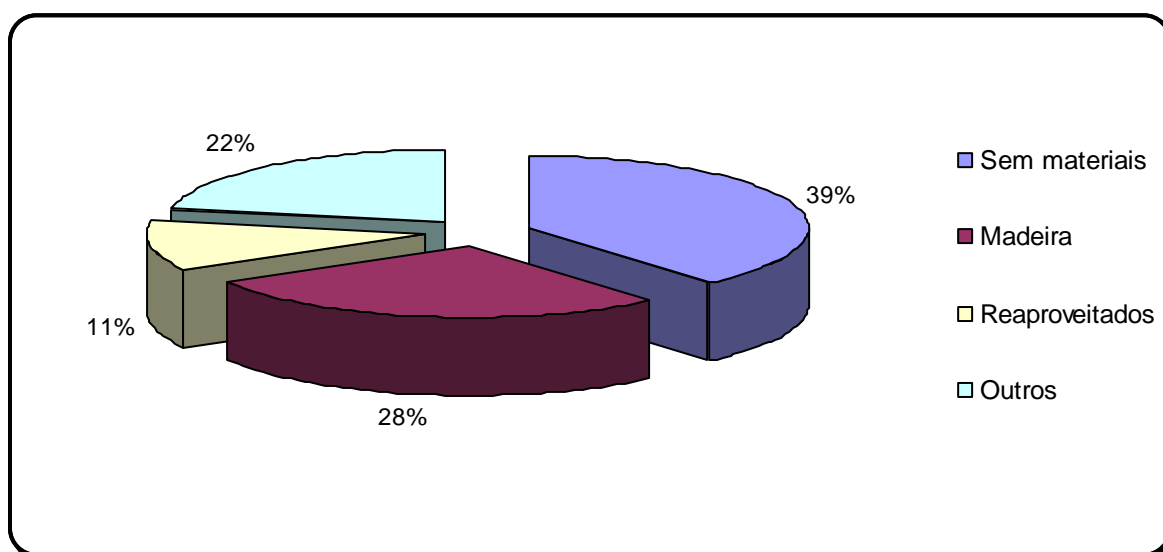


Gráfico 12 – Classificação dos jogos quanto aos materiais

Também é de referir que a madeira não era o único material utilizado na forma e no tipo de brincar dos nossos entrevistados enquanto crianças. Eram utilizados outros materiais e materiais reaproveitados como nos explicam os seguintes entrevistado, *“quando não tínhamos ferro fazíamos as rodas em arame...”*(I2), *“Lembro-me de correr as tabernas à procura de caricas...”* (I9).

3.2 Brincadeiras

Relativamente às brincadeiras mencionadas estas foram em menor número que os jogos. Dos 15 tipos de brincadeiras mencionados, os banhos no Mouchão, a pesca, o mergulho e atirar pedras são as que mais foram referidas.

É de referir que, no momento da entrevista, quando perguntava aos entrevistados sobre brincadeiras que eles realizavam na sua infância, quase todos me contaram histórias ou actividades relacionadas com o rio Alviela.

Concluimos que, para os entrevistados que residiram em Pernes durante a sua infância, 8, relacionaram directamente o rio com a brincadeira, brincadeiras estas que “*e pronto era a brincadeira.*” (17), quer dizer com isto que, brincar no rio “*Não havia regras nenhuma, valia tudo*”(18), não havia regras, nem nenhum tipo de ordem para se brincar, como me foi expresso pelos idosos quando lhes perguntei por actividades lúdicas que realizaram durante a sua infância.

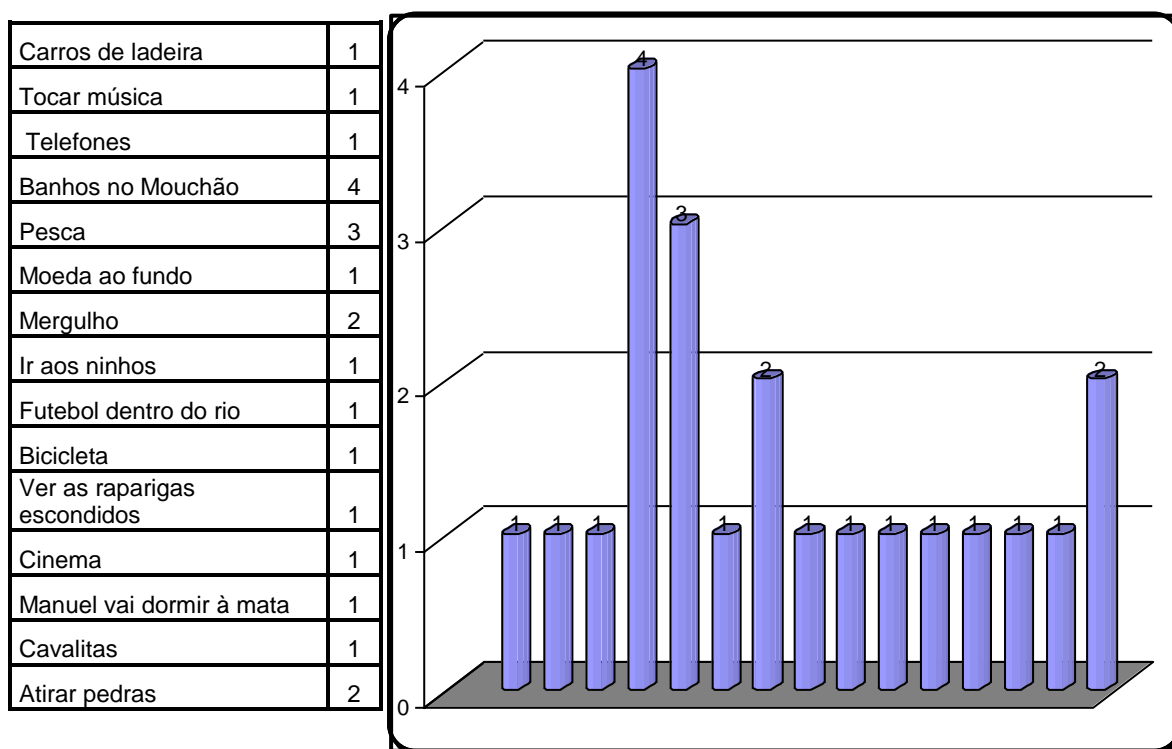


Gráfico 13 – Brincadeiras mencionados pelos entrevistados

3.2.1 Classificação das Brincadeiras

Classificando as brincadeiras quanto à sua acção, verificamos que 51% das brincadeiras referidas estão relacionadas com o rio Alviela, desde banhos no Mouchão, pesca, moeda ao fundo, mergulho, futebol dentro do rio, cavalitas até mesmo espreitar as raparigas às escondidas. Como foi referido no capítulo I, na revisão da literatura, os jogos e as brincadeiras fazem parte do mesmo contexto lúdico, apesar dos que consideramos jogos serem mais ou menos regulamentados em comparação às que

consideramos brincadeiras. Com este valor tão significativo que o gráfico 14 apresenta em relação às brincadeiras relacionadas com o rio, concluímos que apesar da nossa separação e classificação de jogos e brincadeiras, o rio Alviela para estas crianças era um local de lúdico que gerava diversão, alegria e prazer.

As restantes classificações apresentam valores bastantes homogêneos, sendo as brincadeiras classificadas em dramatização; rítmicos; lançamentos e precisão; descoberta; corridas e locomoção. Estas classificações apresentam percentagens que divergem entre os 9% e os 13%.

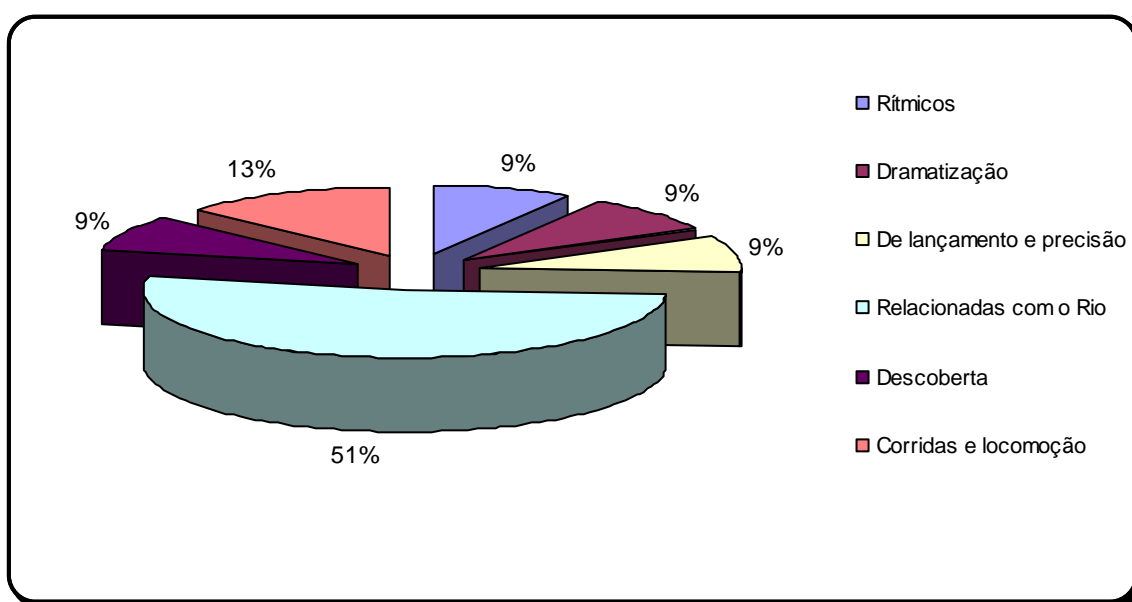


Gráfico 14 – Classificação das brincadeiras quanto à acção

3.3 Brinquedos

Pela análise do gráfico 15, verificamos que os idosos mencionaram um conjunto de 8 brinquedos, nomeadamente, “*Carro de ladeira, Camionetas à nossa maneira, Chávenas, Cavalos com rodas, Burro numa nora, Pião, Carroça e Bola de trapos.*”

Concluímos que a razão do número de brinquedos ser inferior ao dos jogos e brincadeiras, se deve ao facto de as crianças naquela altura não terem acesso a brinquedos industrializados, porque não tinham posses financeiras para os adquirir, como também era difícil deslocarem-se a um centro urbano maior para os comprar.

Todos os inquiridos responderam que os brinquedos com que brincaram na sua infância eram artesanais, o que nos leva a concordar com Amado (2002), muitos dos brinquedos nesta época, eram realizados pelas próprias crianças, porque era a única

forma de terem acesso a eles, e porque a produção dos brinquedos pela criança era, já de si, uma brincadeira ou um jogo, com consequências de toda a ordem no plano do desenvolvimento físico, psicológico, social e cultural.

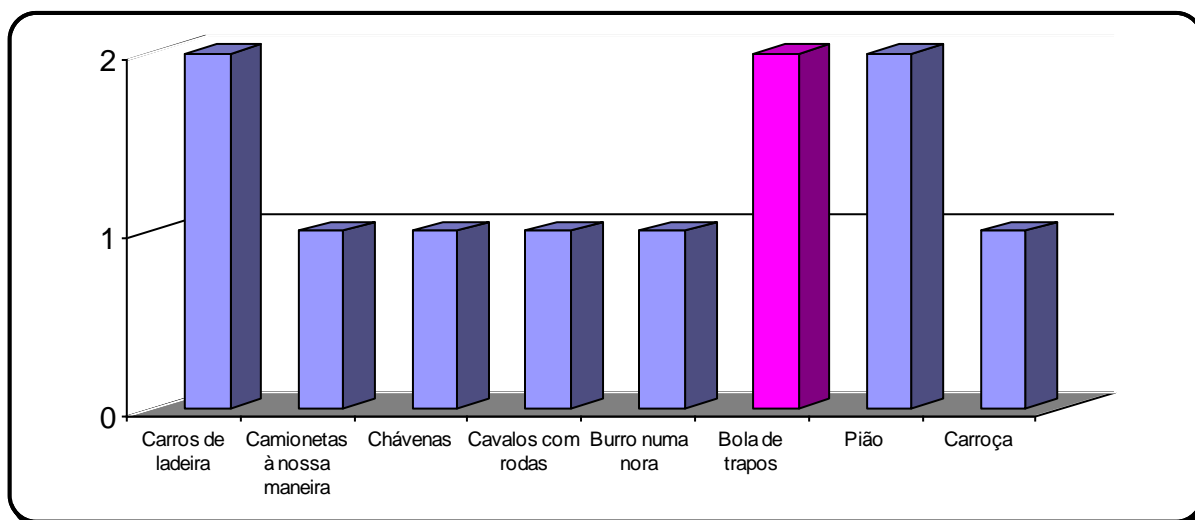


Gráfico 15 – Brinquedos enunciados

Verificamos ainda que dos 8 brinquedos mencionados, apenas 1, “bola de trapos” não era confeccionado a partir da madeira. Como nos refere Carvalho (1986), uma das medidas do governo Salazarista foi privilegiar a educação em detrimento da instrução, ou seja dava-se mais importância ao saber fazer e à aprendizagem de uma profissão do que à instrução propriamente dita. Este facto é facilmente observável nos nossos entrevistados, visto 3 terem trabalhado toda a sua vida na indústria de torneados, daí a razão que levou a quase totalidade dos nossos entrevistados a referirem brinquedos confeccionados em madeira.

3.4 Intervenientes das actividades lúdicas

Das actividades lúdicas que foram mencionadas pelos entrevistados, verificamos que os intervenientes nas mesmas eram quase exclusivamente os rapazes, “...eram só os rapazes”, “As raparigas não jogavam...”, apesar de me ter sido referido “toda a gente jogava”. É de ter em conta que muito dos jogos referidos eram realizados em espaços exteriores, como o Rossio, sítio público no centro da vila, onde toda a gente podia observar a prática dos jogos, daí esta generalização de “todos jogavam”. Acreditamos que as raparigas observavam os jogos dos rapazes, mas segundo os entrevistados, em apenas dois jogos elas tinham uma participação activa. Dos jogos em que as raparigas

participavam activamente, o jogo da arraia e o jogo do pião, “às vezes também havia raparigas, algumas ajeitavam-se para o pião.” (I7), “O jogo d’arraia era tudo à mistura, rapazes e raparigas.” (I8). É de referir que as práticas lúdicas naquela época eram actividades que muito raramente eram praticadas por ambos os géneros. Assim sendo, esta situação pode derivar da preferência de ambos os géneros pela seguinte razão: a educação que era dada ao género feminino assentava na preparação das mulheres para as suas futuras funções de dona de casa e de mãe, e como tal a convivência com os rapazes não era apropriada com esse tipo de educação.

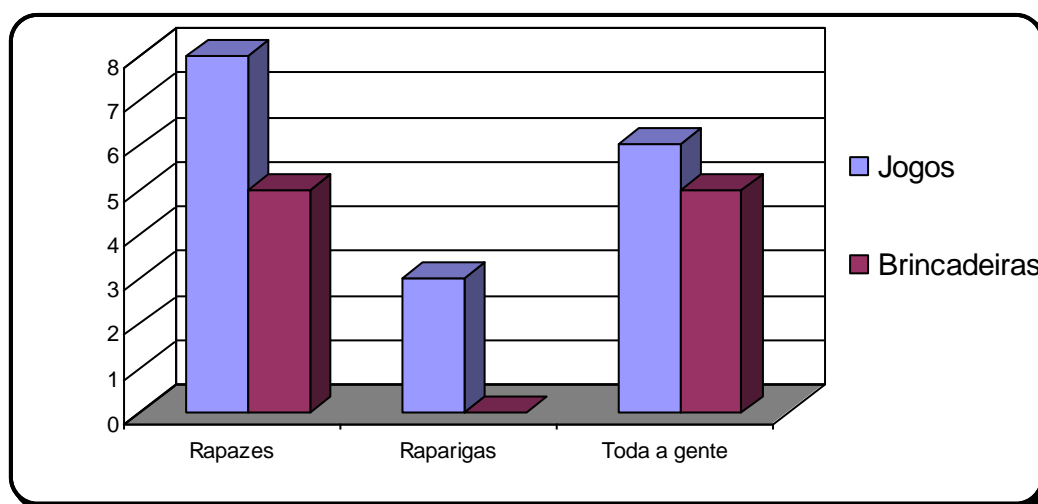


Gráfico 16 – Intervenientes nas actividades lúdicas

3.5 Locais das actividades lúdicas

Relativamente aos locais escolhidos para a realização das actividades lúdicas, verificamos que tanto nos jogos como nas brincadeiras o local de eleição era a rua, logo seguido da escola. Este facto verifica-se devido à natureza das actividades lúdicas mencionadas, que necessitavam de espaços amplos para a realização das mesmas, e também devido ao facto de ser uma zona rural, favorecendo óptimos espaços para se brincar no exterior. Com isto é de referir o elevado número de brincadeiras realizadas no Rio, como me foi referido “O rio faz-me lembrar de brincadeiras, havia muita água no rio e era límpida, e brincávamos dentro do rio a nadar, aprendi lá a nadar.” (I8)

Também o espaço da escola foi muito mencionado como local de realização de actividades lúdicas, o que é natural, pois a escola é o local onde grande parte das crianças estavam juntas e o recreio era o local onde as crianças se divertiam à sua vontade, aproveitando esse tempo para realizarem alguns jogos e brincadeiras.

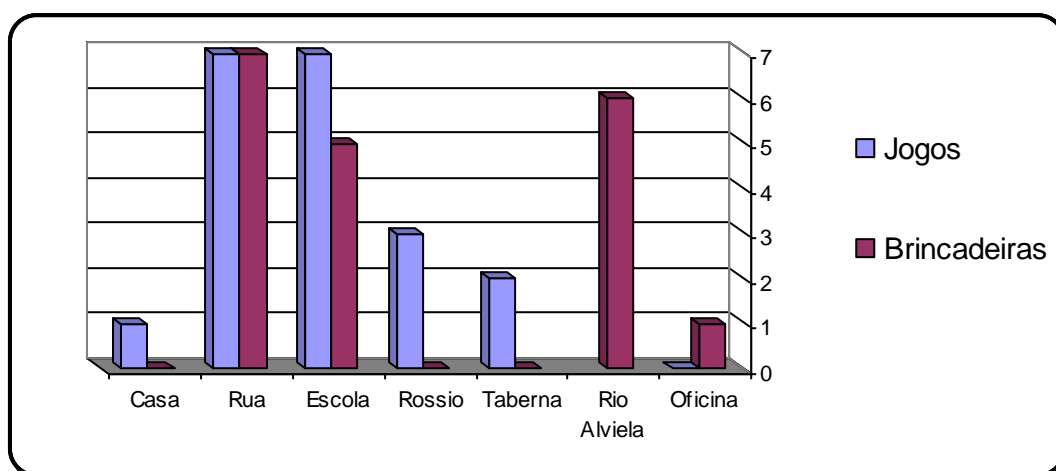


Gráfico 17 – Local de realização das actividades lúdicas

Poucos foram os entrevistados que referiram a casa e a taberna como espaço de realização de actividades lúdicas. É de ter em conta que os jogos mais praticados nestes locais eram os de mesa, relacionados com a chamada “jogar à batota”, que envolvia apostas em dinheiro ou mais relacionadas com a brincadeira o “tocar à desgarrada”.

3.6 Tempos destinados às actividades lúdicas

Através da observação do gráfico 18, podemos constatar que os tempos ou a época em que se jogava ou brincava mais era no tempo da escola, depois do trabalho e no Verão. A partir deste gráfico, podemos concluir que se jogava mais na escola, ou seja, essas práticas lúdicas eram mais regulamentadas e ordenadas, mas brincava-se mais no Verão, estando estas brincadeiras mais direccionadas para o rio, como já foi referido anteriormente, onde não havia regras, “*ali estava-se à vontade*”.

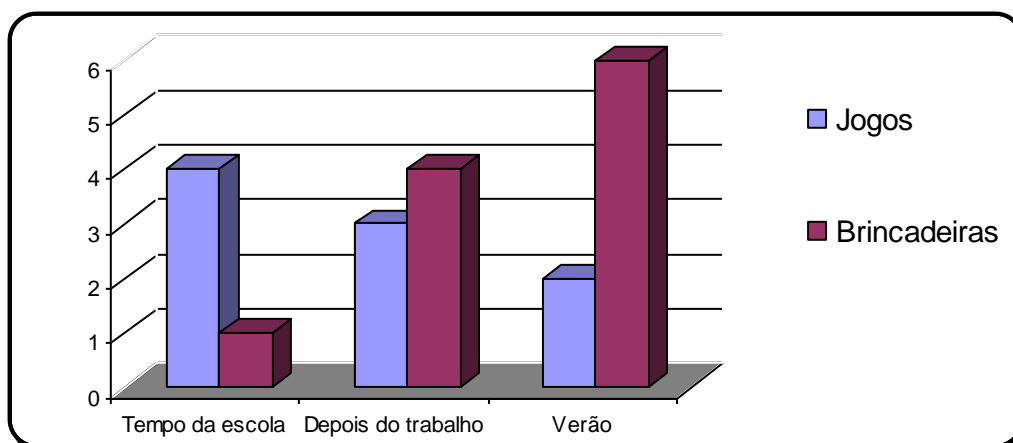


Gráfico 18 – Tempos destinados às actividades lúdicas

Também é de referir que no fim do trabalho havia tempo para realizar actividades lúdicas, segundo Barbosa e Costa (1997), havia um tempinho disponível “a juntar a umas migalhinhas de descontração que o intervalo das tarefas diárias proporcionava.”. Na taberna jogavam-se jogos mais direccionados para a mesa ou associados à brincadeira, tocavam-se instrumentos “à desgarrada”.

3.7. Aprendizagens das actividades lúdicas

Relativamente à aprendizagem das actividades lúdicas, a grande maioria dos entrevistados refere que aprenderam uns com os outros, onde uns e outros eram o grupo de amigos ou de colegas que residiam perto de si. Também foi referido que aprenderam jogos e brincadeira com os mais velhos, imitando-os ao vê-los jogar no Largo do Rossio. Apenas 2 entrevistados referiram que aprenderam a brincar sozinhos, talvez devido às longas distâncias a que certos casais ou povoações estavam umas das outras.

As práticas lúdicas referidas por estes idosos neste estudo são bastante antigas e vão passando de geração em geração e segundo os relatos que ouvi, a aprendizagens não era realizada por familiares, mas sim “uns com os outros”, isto porque os pais tinham vidas atarefadas, onde “o trabalho de sol a sol era rei” Barbosa e Costa (1997). Sendo todas estas actividades lúdicas de fácil apreensão e em que as regras eram básicas e o material rudimentar ou de fácil acesso é lógico que o conhecimento de jogar e de brincar fosse transmitido por outras crianças ao serem integradas no jogo ou na brincadeira.

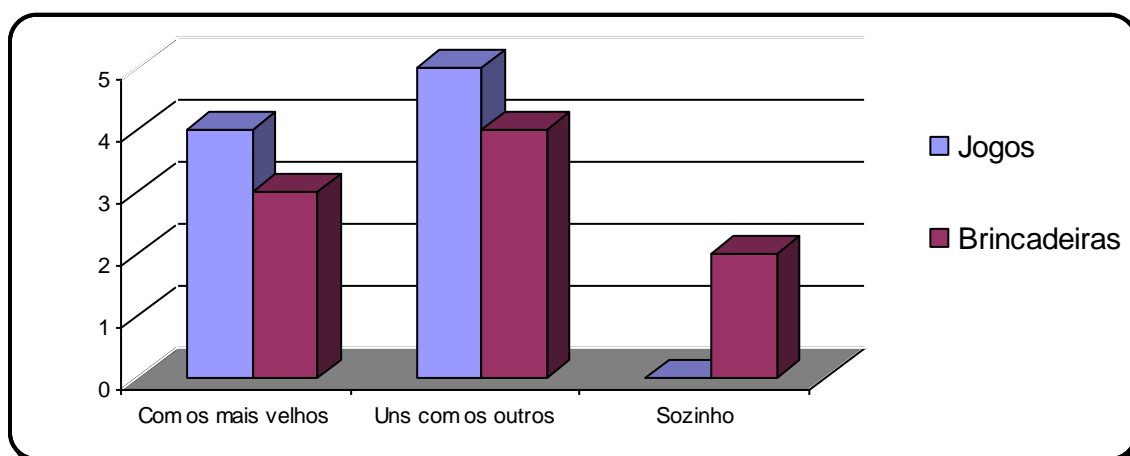


Gráfico 19 – Aprendizagens das actividades lúdicas

CAPÍTULO V

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Cessado o trabalho, torna-se crucial analisar os resultados obtidos, consoante os objectivos previamente propostos, com o intuito de retirar as principais conclusões.

Os objectivos do nosso estudo eram os de caracterizar o contexto socio-político e cultural da época relacionada com a infância dos indivíduos idosos, identificar e analisar os jogos, brincadeiras e brinquedos da infância de indivíduos idosos da Santa Casa da Misericórdia de Pernes e por fim, classificar os jogos, brincadeiras e brinquedos referidos pelos idosos.

1.PRINCIPAIS CONCLUSÕES RETIRADAS DO ESTUDO

Desta forma através da análise e discussão dos resultados, como principais conclusões do presente estudo podemos deduzir que:

- Ao nível da caracterização pessoal dos idosos, foi possível concluir que em termos da residência, 8 dos 10 inquiridos viveram na zona rural da freguesia de Pernes. No que se refere ao nível de escolaridade, concluímos que todos excepto um dos entrevistados cumpriram a escolaridade obrigatória.
- Em relação à caracterização das condições sócio-políticas e culturais do país, concluímos que atravessava-se um período de repressão e de censura, na forma de um regime ditatorial, acarretando dificuldades económicas e de trabalho. A Mulher tinha um estatuto inferior em relação ao Homem e havia discriminação em relação às Mulheres. Os constituintes das famílias tinham funções específicas, o pai era o trabalhador por excelência fora de casa e a mãe tinha de cumprir o seu papel de dona de casa e criar os filhos, sendo referido pelos entrevistados que a Mulher por vezes tinha de acumular funções e trabalhar fora, ajudando o marido a sustentar a casa, tentando aliviar a situação de pobreza que se fazia sentir.

- No que refere aos jogos mais mencionados, podemos encontrar o jogo do xinquilho com mais representatividade. Os jogos mais realizados pertenciam à categoria de lançamentos e precisão e o material mais utilizado era a madeira. Concluimos também que as raparigas não realizavam as mesmas práticas lúdicas que os rapazes evidenciando-se como principal motivo o facto de não se misturarem com eles. No que refere à brincadeira o local de eleição era junto ao rio Alviela, sendo a rua e a escola o sítio onde mais se jogava. Quanto ao tempo destinado à prática das actividades lúdicas, concluimos que se brincava e jogava mais no Verão, no final do trabalho e no tempo das aulas. A aprendizagem dos jogos e das brincadeiras era com os mais velhos, passando a maneira de brincar/jogar de geração em geração. No que diz respeito aos brinquedos, os mais utilizados eram os de origem artesanal, feitos em madeira, muitas das vezes construídos pelas próprias crianças, que no acto de confecção já obtinham prazer e consideravam esse tempo de brincadeira.

2. RECOMENDAÇÕES

Temos a consciência de que, um trabalho desta natureza nunca está perfeito, e que pode ser sempre aprofundado e melhorado. No entanto, podemos constatar que os objectivos a que nos propusemos foram cumpridos.

Primeiro que tudo, seria interessante realizar um estudo do mesmo tipo, mas com uma amostra feminina, com vista, a verificar se os locais, ou os materiais das práticas lúdicas diferiam ou não do género, assim como, constatar se a designação dada aos jogos, brinquedos e brincadeiras seriam idênticas.

Seria interessante também, comparar uma amostra que tivesse residido na mesma localidade com outra originária de outra localidade, com o intuito de se averiguar se as praticas lúdicas diferiam de localidade para localidade.

Outro estudo que teria pertinência seria comparar os vários estudos realizados nesta área, com vista à obtenção de uma amostra significativa de alguma zona específica de Portugal ou de algum distrito.

Outro estudo que poderia ser realizado era o de contactar com vários centros de dia de um determinado distrito de Portugal, para realizar entrevistas ao maior número de

possíveis com o objectivo de averiguar a existência de um ou mais jogos tradicionais dessa zona, bem como a obtenção do maior número de práticas lúdicas referenciadas pelos idosos.

Um outro estudo que poderia ser realizado era juntar uma amostra que contemplasse avós, pais e netos com o objectivo de analisar a evolução das formas de jogar e verificar quais são as práticas lúdicas que passam de geração em geração.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, João da Silva (2002). *Universo dos Brinquedos Populares*. Coimbra: Quarteto Editora.

ARIÈS, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.

BANDET, Jeanne (1973). *A criança e os brinquedos*. Lisboa: Editora Estampa.

BARDIN, Laurence (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BENTO, O. (1999). O século do idoso e o papel do desporto. *Revista Humanidade-terceira idade*, nº46.

BERGER, L. & POIRER, D.M. (1995). *Pessoas Idosas. Uma Abordagem Global*. Lisboa: Edições Lusodidáctica.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa: Porto Editora.

BOMTEMPO, Edda (1999). A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação do imaginário in KISHIMOTO, T. M. (1999). *Jogo, brinquedo e a educação*. São Paulo: Cortez Editora. (pp. 57-71).

CAETANO, Ricardo (2004). *Identificação e análise das práticas lúdicas e recreativas em idosos: jogos, brinquedos e brincadeiras dos nossos avós: um estudo de género*. Monografia de licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra.

CAILLOIS, R. (1990). *Os jogos e os Homens: a mascara e a vertigem*. Lisboa: Editorial Cotovia.

CAMEIRA Serra, M. (1992). *Desenvolvimento Motor, Jogo e Contexto Cultural. Estudo Comparativo da Actividade Lúdica e do Comportamento Motor de 3 grupos de Crianças com 6,7,8 e 9 anos Pertencentes a Meios Socioculturais diferenciados*. Monografia de Mestrado, Não Publicado, Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana.

CAMEIRA Serra, M. (1998). *Os Jogos Tradicionais em Portugal: as relações entre as práticas lúdicas e as ocupações agrícolas e pastorais*. Vol. I, da Tese de Doutoramento. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

CARVALHO, R. (1986). *História do ensino em Portugal – Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar Caetano*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.

CARVALHO, J. (1999). Aspectos metodológicos no trabalho com idosos. In a Qualidade de Vida no Idoso: o Papel da Actividade Física (Actas). Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

FENALTI, R. C. S. (2004). A Conduta Lúdica e a Terceira Idade. In SCHWARTZ, G.M (org). Dinâmica Lúdica: novos olhares. Barueri, São Paulo: Editora Monoli. (pp. 87-107).

FONTANA, Carlos Eduardo (1997) – A socialização de crianças através de jogos in <http://www.brazcuba.br/professores/sdamy/mfenm02.htm>

GONÇALVES, Mateus (2004). Identificação e análise das práticas lúdicas e recreativas em idosos: jogos, brinquedos e brincadeiras de outros tempos. Monografia de licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra.

HOMEM, A. C. (2001). Monarquia à República. Palimage Editores.

HUIZINGA, R. (1951). Homo Ludens. Paris: Editions Gallimard

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1991). Estatísticas Demográficas. Lisboa: INE.

JUNTA DE FREGUESIA DE PERNES. Censos de 1981, 1991 e 2001.

LOPES, Marco (2005). Identificação e análise das práticas lúdicas e recreativas em idosos: jogos, brinquedos e brincadeiras dos nossos avós: um estudo de género. Monografia de licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1997). História de Portugal: manual para uso de estudantes e outros curiosos de assuntos do passado pátrio. Lisboa. Editorial Presença.

MARQUES, Angelina (2002). Jogo e desenvolvimento da criança hoje: estatuto sociométrico e opções lúdicas em crianças de uma escola do 1º ciclo. Dissertação de mestrado em Ciências do Desporto apresentada à Universidade da Beira Interior: Covilhã.

MÓNICA, Maria F. (1996). Os costumes em Portugal: Cadernos do público. Lisboa. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Público.

NEGRINE, A. (2000). O Lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade. In SANTOS. S.M.P (org.) Brinquedoteca: A criança, o adulto e o lúdico. São Paulo: Editora Vozes. (pp. 15-24).

OLIVEIRA, Vera (2000). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos in OLIVEIRA, Vera (org.) o brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis. Editora Vozes. (pp. 13 – 32).

OMENÁCA, J.V.R & CILLA, R.O. (1999). Juegos cooperativos y educación física. Colección Deporte. Editorial Paidotribo.

PAIS, Natália (1992). Brincar. Revista Portuguesa de Pedagogia, nº3, (pp. 373-377).

PERALTA, E. & SILVA, M. E. D. (2002) Perspectivas da velhice em idoso com diferentes situações de vida. Revista Geriatria. Vol15, nº148, (pp 9-16).

PIRES, José. (1992) Atividade lúdica e aprendizagem. Revista Portuguesa de Pedagogia, nº3, (pp. 379-391).

REIS, Filipe (1996). As colecções de brinquedos na infância. In Barbeiro, L.& Viera, R. A Criança, a Família e a Escola. (pp. 33-44). Escola Superior de Educação de Leiria.

RELATÓRIO ANUAL DE 2004. Santa Casa de Misericórdia de Pernes.

RODRIGUES, António (2005). Identificação e análise das práticas lúdicas e recreativas em idosos: jogos, brinquedos e brincadeiras dos nossos avós: um estudo de género. Monografia de licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra.

RUSCHEL, M. & BERTOLDO, J. (2000). Jogo, Brinquedo e Brincadeira – uma revisão contextual. In <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=35>

SANTOS, Santa Marli (org) (1999). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 4ª Edição, Pétropolis: Editora Vozes.

SARAIVA, J.L. (1983). O Estado Novo. In História de Portugal. 1640 Actualidade. Lisboa: Publicações Alfa. SARL.

SERRÃO, J. V. (1987). História de Portugal. A queda da monarquia (1890-1910). Volume X. Editorial Verbo.

SILVA, Renata Laudares (2004). Lazer e Género: suas relações com o lúdico. In SCHWARTZ, G.M (org). Dinâmica Lúdica: novos olhares. Barueri, São Paulo: Editora Monoli. pp. 111-129.

SILVESTRE, Mário Rui (2003). PERNES, Terra Antiga do Bairro Ribatejano – 1º, 2º e 3º Vol, Ed. Fundação Comendador José Gonçalves Pereira

SOLÉ, B. (1992). Los juguetes en el marco de los ludotecas: elementos de juego, de transmisión de valores y desarrollo de la personalidad. Revista Portuguesa, nº3.

SKINNER, J. (1989) Biological, functional and chronological age. In SPIDURSO, W. & Eckert. H. eds. (1998). Physical dimensions of aging. American Academy of Physical Education. Papers, (pp 65-68). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

SPIDURSO, W. (1995) Physical dimensions of aging. Publishers, Inc. Champaign, Illinois: Human Kinetics.

VOLPATO, G. (2002). Jogo, brincadeira e brinquedo. Usos e significados no contexto escolar e familiar. Florianópolis: Cidade Futura.

ZAMBRANA, M. (1992). O desporto na terceira idade. Revista Horizonte, Vol. VIII, (pp. 1-8).

Anexos

Anexo 1

Guião da Entrevista

1. Caracterização Pessoal

Idade _____

Residência durante a
infância/adolescência _____

Residência: Zona Rural _____ Zona Urbana _____

Profissão exercida no passado _____

Nível de escolaridade _____

2. Caracterização das Condições Sócio-Político-Culturais do País

Qual é a ideia que tem da situação política do país durante a sua infância/adolescência?

Qual o papel da mulher/homem na sociedade portuguesa da época?

Essa situação condicionava de alguma forma o tipo de jogos, brinquedos e brincadeiras que praticavam?

De que forma?

Porque que razão condicionava?

3. Identificação dos elementos de estudo: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras

3.1. Em relação ao jogo

Quais os jogos que se lembra ter praticado ou que marcaram a sua infância?

Porque é que o praticavam? Era um jogo tradicional da região?

Ainda se recorda como era jogado? Consegue o (s) descrever?

Com quem aprendeu esse jogo?

Quando é que jogavam? Esse jogo era praticado mais frequentemente em alguma época especial?

Quais as regras e os objectivo (s) do jogo?

Jogavam sempre da mesma maneira? Introduziram alguma alteração?

De que materiais era feito o objecto com que jogavam?

Quantas pessoas jogavam?

Quem é que jogava? Qualquer criança podia jogar?

Onde se realizavam o (s) jogo (s)?

Havia jogos praticados unicamente por rapazes ou só por raparigas? Quais eram? Porquê? " Havia algum tipo de castigo para quem perdia o jogo?

Inventaram algum jogo?

3.2. Em relação aos brinquedos

Com que brinquedos é que brincava na sua infância/adolescência?

Pode descrever esse brinquedo?

Como era feito o brinquedo?

Era um brinquedo artesanal ou industrializado? Utilizavam sempre os mesmos materiais para o construir? Onde é que arranjavam esses materiais?

Quanto tempo demorava a construir o brinquedo?

Como é que apareceu esse brinquedo? Onde foi feito?

Como é que brincava?

Onde costumava brincar com esse brinquedo?

Só você é que brincava ou haviam mais pessoas a usar o mesmo brinquedo?

Porque é que brincavam com esse brinquedo? Era tradicional da região?

Em que momentos utilizava os brinquedos?

Brincava sozinho(a) ou acompanhado(a)?

Quem é que fazia esse brinquedo? Você próprio ou outra pessoa? Quem?

Tinha algum brinquedo a que dava mais importância? Porque motivo?

Havia algum brinquedo que conhecesse na altura e gostasse, mas não lhe era acessível, ou não lhe era permitido brincar com ele?

Ainda conserva alguns desses brinquedos?

Consegue voltar a construir alguns desses brinquedos? Qual a sua forma de construção?

Os rapazes também brincavam com os mesmos brinquedos que os das raparigas?

Quais? Porque eram Distintos?

Havia brinquedos que só se usavam dentro de casa ou só na rua? Quais? Porque eram distintos?

3.3. Em relação às brincadeiras

Quais eram as brincadeiras do seu tempo de criança que mais praticava?

Qual era a sua brincadeira favorita? Era aquela que mais brincava?

Porque é que o fazia? Era uma brincadeira tradicional da região?

Pode descrever essa brincadeira?

Onde é que brincava? Dentro de casa, na rua, na escola, no rio? Com quem brincava?

Porque é que brincava mais nesses períodos?

Quanto tempo passava a brincar?

Como surgiu a brincadeira?

Haviam brincadeiras realizadas só por raparigas ou só por rapazes? Quais? Porquê

Informação adicional

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Descrição dos Jogos:

Anexo 2

Teorias do Jogo

Teoria do Pré-Exercício (K. Groos, 1896, 1899)	O jogo seria uma preparação para a vida séria. Cada espécie animal utilizaria certos jogos que corresponderiam às actividades dos animais adultos da sua espécie.
Teoria da Recapitulação (Stanley Hall, 1893)	Os jogos representariam actividades das gerações passadas, a criança recapitularia neles os estádios da civilização.
Teoria do Excesso de Energia (Herbert Spencer, 1900)	A criança possuiria um excesso de vitalidade e por não ter actividades sérias, as energias seriam acumuladas e ela procuraria o jogo como forma de equilíbrio, adquirindo experiências e conhecimentos.
Teoria do Exercício Complementar (Lange, 1901)	O jogo visa, antes de tudo, completar o EU. O jogo seria um exercício complementar de outros, com a função de organização do EU, tendo por objectivo despertar tendências que se encontrassem latentes no indivíduo.
Teoria da Rivalidade (Mcdougall, 1904)	O jogo existiria pela necessidade de satisfazer o instinto de rivalidade.
Teoria da Descarga Emocional (Freud, 1922)	Refere a superação de vivências traumáticas através da “descarga traumática” pela actividade lúdica.
Teoria do Estímulo (Carr, 1903)	O jogo produziria no organismo, entre outros estímulos, o necessário ao crescimento dos órgãos. O sistema nervoso seria beneficiado com o jogo, que lhe oferecia os estímulos indispensáveis ao exercício e ao desenvolvimento das suas funções.
Teoria Catártica e de Compensação (Carr, 1925; Reaney, 1925; Robinson, 1920, 1923)	O jogo teria a função de catarse, eliminando as tendências nocivas ou tornando-as aceitáveis, ao canalizá-las para compensações ou sublimações.
Teoria do Prazer (Buehler, 1929)	O móbil do jogo parece, visto partir do sujeito, ser da mesma espécie que a finalidade e tem por objectivo o prazer que proporciona aos que jogam, enquanto jogam.
Teoria do Descanso ou do Recreio	O jogo seria uma forma de recreio, com o objectivo de

(Guth Muths, Lazarus e Schaller, 1935)	proporcionar descanso ao organismo e ao espírito fatigados.
Teoria da Necessidade Biológica (Appleton, 1948)	O tipo de jogo é determinado, por um lado, pela necessidade da criança e por outro, pelo seu estágio de desenvolvimento.
Teoria da Transfiguração (Martinho, 1967)	O passado, o presente e o futuro estabelecem uma determinada ordem de evolução nos jogos da criança, que condiciona aos seus interesses buscaria oportunidades para satisfazer o instinto de transfiguração.

Anexo 3

Teorias da Brincar

Dinâmica Cognitiva (Piaget, 1951)	Vê o brincar das crianças como um modo de aprender eventos novos e complexos, como um modo de consolidar e ampliar conceitos e habilidades e de integrar o pensamento com as ações. A maneira pela qual as crianças brincam em dada ocasião depende do seu estágio de desenvolvimento cognitivo.
Teoria Psicanalítica (Freud, 1924; Erickson, 1950)	O brincar, auxilia as crianças no seu fortalecimento do ego. Através do brincar podem-se resolver conflitos. Motivada pelo princípio do prazer, a brincadeira é uma fonte de gratificação. É também uma resposta catártica que diminui a tensão psíquica e dá à criança, domínio sobre experiências avassaladoras.
Teoria da Aprendizagem (Thorndike em Kimble, 1961)	O brincar é considerado como uma aprendizagem. Cada cultura ou sub-cultura atribui valor e recompensa a diferentes tipos de comportamento do brincar das crianças.

Tabelas adaptadas de FONTANA, Carlos Eduardo (1997) – A socialização de crianças através de jogos in <http://www.brazcuba.br/professores/sdamy/mfenm02.htm>

Anexo 4

Tipologias do Jogo

Classificação de Cameira Serra

Jogos de corridas e perseguição – actividades lúdicas nas quais a acção motora predominante é a corrida, para tocar e agarrar um ou vários adversários.

Danças e batimentos rítmicos – práticas lúdicas que têm como base séries de movimentos e/ou batimentos acompanhados de canções ou cantilenas.

Jogos desportivos com bola – situações motoras envolvendo cooperação e oposição, denominadas “desportos” pelas instituições sociais, nas quais se utiliza uma bola ou objecto volante. Nesta categoria consideram-se formas de prática, quer evoluídas, quer rudimentares dos jogos desportivos.

Jogos de descoberta – actividades lúdicas cujo principal objectivo é encontrar objecto(s) ou jogador(es) previamente escondido(s).

Jogos de dramatização – situações de ficção e/ou de representação de papeis. Correspondem aos jogos simbólicos, na classificação de Piaget.

Jogos electrónicos, robóticos ou informáticos – práticas lúdicas que utilizam como suporte material, objectos constituídos a partir de novas tecnologias.

Jogos de lançamento e precisão – situações lúdicas que se baseiam no lançamento de um ou vários objectos, na tentativa de acertar noutro(s) ou num alvo previamente estabelecido.

Jogos de locomoção – actividade cujo princípio motor fundamental é deslocar o próprio corpo, através de material de suporte apropriado, ou fazer deslocar um ou vários adversários e tentar não ser deslocado.

Jogos de mesa – práticas lúdicas realizadas na posição de sentado ou ajoelhado, sem interferência da motricidade grossa.

Outros jogos com bola – situações lúdico-motoras de natureza tradicional, não institucionalizados, que envolvem competição e/ou cooperação, com bola.

Jogo de saltos – actividades que têm como tarefa motora principal saltar ou saltitar, com um ou com dois pés.

APÊNDICES

Apêndice 1

Entrevista transcrita

Tema: Práticas Lúdicas e Recreativas em Idosos
Entrevistador: Frederico Ribeiro
Entrevista nº 2 – Manuel Júlio Ferreira
Dia: 07/02/2005 – Hora: 17H00M
Local: Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia de Pernes

1) Caracterização

Idade – 72 anos

Residência durante a infância – Almajões (zona Rural)

Profissão exercida no passado – Sargento (militar)

Escolaridade – 9º Ano

2) Caracterização das Condições Sócio-Político-Sociais do País

P - Qual é a ideia que tem da situação política do país durante a sua infância/adolescência?

R – As pessoas sabem lá o que era isso, andava-mos sempre com o credo na mão, na boca, vá lá. Pelas circunstâncias políticas procedi ao melhor e fui prejudicado, no ano 1957, havia aquelas entrevistas que se chamavam exames psicotécnicos e eu fui escolhido para tirar um curso de transmissões, cujo curso dava acesso à rádio localização que havia lá naquela história militar, mas dada certa altura acabei o curso, e alguém me pediu determinada informação de pessoas aqui de Pernes, estavam-me a tanguear a ver se eu entrava no carrinho deles, nomeadamente quantos cafés havia, à quantos anos havia electricidade e etc, e esses dados eram para um comandante que estava a escrever um livro aqui desta zona, e eu está claro, por falta de conhecimentos e falta de rodagem, não dei as informações e quando fui para iniciar o curso de rádio localizações não fui escolhido, também esse curso não era para todos, mas porquê que não fui escolhido, porque não liguei e não forneci os dados que deveria ter fornecido e devido a essa situação política fui prejudicado. Não quis entrar no jogo deles, porque toda a gente daqui sabia que o café Batalha do Sr. Dr. Pereira se discutiam certos assuntos e eu prevendo isso não quis entrar no jogo deles. E depois fui prejudicado, não entrei na calha deles e não segui para o curso de Rádio Localização.

É difícil, as pessoas sabem lá como era. Eu vivi lá 23 anos sempre com o coração nas mãos.

P - Qual o papel da mulher/homem na sociedade portuguesa da época?

R – Já se sabe é um papel essencial, pra mim a mulher foi e será a trave da família, pena que a mulher não tenha hoje condições para estar sempre em casa, não havia tanto descalabro como há aí. Hoje o casal precisa de dois ordenados a entrar em casa para conseguir ter um nível de vida que os seus pais não lhes conseguiram dar, e isso origina estes descalabros, como é que é possível que uma criança que só vê a mãe ao fim do dia, como é que essa criança pode ser educada.

P - Essa situação condicionava de alguma forma o tipo de jogos, brinquedos e brincadeiras que praticavam?

R – Era mais fácil, nós não tinha-mos brinquedos, portanto fazíamos os nossos próprio brinquedos, por exemplo os aros das bicicletas, colocava-mos um pauzinho na curva do aro. E também construía-mos outros aparelhómetros com arames, madeiras e etc.

3) Identificação dos elementos de estudo: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras

3.1) Jogos

Quais os jogos que se lembra ter praticado ou que marcaram a sua infância?

Berlinde, naquela história do jogo de damas com pedrinhas, tampas de gasosa, com caricas, neste tempo é fácil arranjar caricas, mas naquela altura íamos às tabernas buscar caricas, mas poucas pessoas bebiam cerveja ou gasosa, agora não todos os cafés têm.

...O Xinquilho, mas este jogo era mais velho...

...O jogo dos aros, éramos muitos prá uns 14 ou 15, fazia-mos corridas de Almajões a Pernes, os que perdiam tinham de dar cigarros ao vencedor, depois os pais sabiam e originava porrada...

...O jogo dos telefones, roubávamos linhas às nossas mães e depois conversávamos a partir das caixas de fósforos.

Porque é que o praticavam? Era um jogo tradicional da região?

Eram tradicionais, jogos novos não havia porque não tínhamos possibilidade de comprar.

Ainda se recorda como era jogado? Consegue o (s) descrever?

Jogo dos telefones, com caixas de fósforos e dois fios de linha, ligavam-se à caixa e a partir daí nós brincávamos telefonando uns aos outros.

Com quem aprendeu esse jogo?

Com as outras crianças, com os mais velhos.

Quando é que jogavam? Esse jogo era praticado mais frequentemente em alguma época especial?

No verão é que se brincava mais, e às vezes dava chatice, quando íamos para o Rio Centeio, os banhos no Mouchão, tanto que eu gostava da pesca e do mergulho

Quais as regras e os objectivo (s) do jogo?

Não havia regras nenhuma, nós subíamos aos sítios mais altos e saltávamos para o Rio. Também se atirava uma moeda para o fundo e íamos lá busca-la.

Jogavam sempre da mesma maneira? Introduziram alguma alteração?

Era como calhava...

De que materiais era feito o objecto com que jogavam?

Com tudo, com caixas de fósforos e fios de nylon, esses e que eram bons...

Materiais reciclados, quer dizer aproveitávamos de tudo para fazer os jogos.

Quantas pessoas jogavam?

Era todos...

Quem é que jogava? Qualquer criança podia jogar?

Toda a gente, os amigos...

Onde se realizavam o (s) jogo (s)?

Era onde calhasse...No tempo da escola...

Havia jogos praticados unicamente por rapazes ou só por raparigas? Quais eram?**Porquê? " Havia algum tipo de castigo para quem perdia o jogo?**

Era só com os rapazes, cachopos para um lado e cachopas para o outro, não havia mistura.

Inventaram algum jogo?

Não, isso não...

3.2 - Brinquedos

Com que brinquedos é que brincava na sua infância/adolescência?

Com brinquedos que nós construía-mos, aquela tal história dos carros de ladeira, que ainda hoje há...

Pode descrever esse brinquedo?

Era de madeira e com rodas de ferro, quando não tínhamos ferro fazíamos as rodas em arame...

Como era feito o brinquedo?

Era à mão...

Era um brinquedo artesanal ou industrializado? Utilizavam sempre os mesmos materiais para o construir? Onde é que arranjavam esses materiais?

Era artesanal, nós é que os construía-mos.

Como é que apareceu esse brinquedo? Onde foi feito?

Éramos nós que o fazíamos em casa e depois brincávamos.

Só você é que brincava ou haviam mais pessoas a usar o mesmo brinquedo?

Éramos todos...

Brincava sozinho(a) ou acompanhado(a)?

Às vezes era sozinho, às vezes era acompanhado....

Quem é que fazia esse brinquedo? Você próprio ou outra pessoa? Quem?

Nós é que fazíamos os brinquedos.

Tinha algum brinquedo a que dava mais importância? Porque motivo?

Não, não havia nada de especial...

Havia algum brinquedo que conhecesse na altura e gostasse, mas não lhe era acessível, ou não lhe era permitido brincar com ele?

Não nesse tempo não havia possibilidades...

Ainda conserva alguns desses brinquedos?

Não, não conservo nada...

Consegue voltar a construir alguns desses brinquedos? Qual a sua forma de construção?

Sim, possivelmente, se tivesse os mesmos materiais, conseguia fazer aquele dos telefones...

Os rapazes também brincavam com os mesmos brinquedos que os das raparigas? Quais? Porque eram distintos?

Não, não, as raparigas já sabe como era, as mães educavam-nas logo de pequeninas para serem mulheres e mães bonecas e etc, os rapazes era diferente...

Havia brinquedos que só se usavam dentro de casa ou só na rua? Quais? Porque eram distintos?

Dentro de casa, não havia espaço para as pessoas brincarem, cada um tinha a sua casinha e só a casa não havia espaço nem largueza para se brincar, uma das coisas que me preocupei em dar à minha família foi um patiozinho para os meus filhos poderem brincar...

3.3 – Brincadeiras

Quais eram as brincadeiras do seu tempo de criança que mais praticava?

Íamos para o Rio pescar e andar de barco, às vezes roubávamos o barco aos homens da areia e isso originava chatices...

Era atirar pedras, a ver qual é que ia mais longe, era fazer asneiras às vezes....

Íamos aos ninhos, era destruir, quando me deram a espingarda de pressão de ar é que foi...

Qual era a sua brincadeira favorita? Era aquela que mais brincava?

Era no rio, era tudo...

Quanto tempo passava a brincar?

Sim, os pais até certa altura deixavam os filhos brincar muito, mas quando a criança começava a ter 12, 13 anos, já não brincava ia trabalhar para contribuir para a família.

Não tinha muito tempo para brincar, era trabalhar

Apêndice 2

Caracterização das Condições Sócio-Político-Culturais do País

Quadro 1 - Resumo das respostas dos entrevistados à questão:

Qual a ideia que têm da situação política do país durante a sua infância/adolescência?

Entrevistado	Resposta
1	<i>Não, não tenho, nunca me interessei por política.</i>
2	<i>As pessoas sabem lá o que era isso, andávamos sempre com o credo na mão, na boca... É difícil.... Eu vivi lá 23 anos sempre com o coração nas mãos... ... devido a essa situação política fui prejudicado...</i>
3	<i>Eu lembro-me, era a altura do Salazar... Sei que uma vez fugi deles... Mas eu não percebia nada das conversas, nem queria perceber....</i>
4	<i>Portanto, era o Salazar, era pior do que é hoje... ... apesar de haver um bocado, de, as pessoas serem perseguidas.</i>
5	<i>Vivia-se de maneira diferente, naquela altura agente não sabia muito bem o que andávamos a fazer. Éramos cachopos não sabíamos muito bem.</i>
6	<i>Eu não percebia nada, era pobre, sabia que havia qualquer coisa, mas não sabia de nada... ...eu aquando rapaz novo 19, 20 anos não mexia em nada, ouvia uns zuns zuns e tal mas não sabia de nada ...A minha formação era tão pequena, tão pouca que eu não podia pertencer a esses assuntos. ...mais tarde quando começo a ser homem e começo a ser explorado...</i>
7	<i>É um bocado difícil de falar, era mais fechada, sinto mais abertura nos temas que se abordam, tenho uma vida diferente..., mas graças a deus tá melhor.</i>
8	<i>Nós não sabíamos nada de política, vivíamos no casal, não tínhamos hipóteses de sair e vinha à escola a pé, e era trabalhar ajudar os meus irmãos e guardar o gado e nós percebíamos pouco de política.</i>
9	<i>Não havia liberdade, o fruto proibido era o mais apetecido, as nossas brincadeiras eram diferentes.</i>
10	<i>Nessa altura não havia política nenhuma, era o Salazar que mandava, certo? Ele mandava e mais nada.</i>

Quadro 2 - Resumo das respostas dos entrevistados à questão:

Qual o papel da mulher na sociedade portuguesa da época?

Entrevistado	Resposta
1	<i>Era diferente, a mulher coitada, mas eu não sei nada disso.</i>
2	<i>Já se sabe é um papel essencial, pra mim a mulher foi e será a trave da família, ...não havia tanto descalabro como há ai. como é que é possível que uma criança que só vê a mãe ao fim do dia, como é que essa criança pode ser educada.</i>
3	<i>Nessa altura era solteiro ainda, depois conheci a minha mulher que me ajudou muito, era trabalhadora....</i>
4	<i>A mulher era uma escrava, era a mulherzinha que tinha que acompanhar o marido, tomar conta dos filhos e da casa, e tudo isso, e coitadas a maior parte delas até levava pancada e havia problemas grandes, coitadas.... Como tinham os filhos, não os podiam largar ...quer dizer algumas tinham respeito pela força, também havia esse problema.</i>
5	<i>Não percebo nada disso, não quero falar.</i>
6	<i>A mulher, no meu ver, tinha um papel fundamental, a mulher é que ajudava o homem, mas o papel da mulher quanto a mim ainda tem um papel mais importante do que o homem. ...Quanto a mim a mulher tinha um papel muito importante</i>
7	<i>Era muito diferente, um bocado, quanto a mim a mulher é mais digna agora do que na altura, digna no aspecto de falar, está mais dentro dos assuntos de agora.</i>
8	<i>A mulher trabalhava na agricultura lá na minha zona, tal e qual como o homem, saía para ganhar a semana e lá não havia mulheres na nossa zona para criar, era para trabalhar na agricultura.</i>
9	<i>Era diferente, o papel do homem era só para trabalhar, a mulher fazia tudo, era a casa e o trabalho e os filhos, a mulher era para tudo.</i>
10	<i>Nessa altura a mulher não mandava nada, o homem é que mandava tudo, tens de fazer isto e era assim.</i>

Quadro 3 - Resumo das respostas dos entrevistados à questão:

Essa situação condicionava de alguma forma o tipo de jogos, brinquedos e brincadeiras que praticavam?

Entrevistado	Resposta
1	<i>Não, brincar é brincar</i>
2	<i>Era mais fácil, nós não tinha-mos brinquedos, portanto fazíamos os nossos proprio brinquedos...</i>
3	<i>...agora não as crianças derretem tudo, naquela altura era diferente. Pois é, é assim a vida, os tempos eram diferentes...</i>
4	<i>...desaparecia logo as brincadeiras e então as pessoas coitadas tinham medo de brincar. Os jovens nessa altura, quer dizer foram criados com medo, tinham medo...</i>
5	<i>Era tudo diferente, não é como antigamente, havia pais que podiam outros que não podiam, nós roubávamos os brinquedos uns aos outros... Não tinha tempo para brincar, tinha de estar na fazenda ou na oficina.</i>
6	<i>Eu brincava aquilo que brincava, só não brinquei mais porque o meu pai não me deixava, ... O meu pai tinha 10 filhos, 3 morreram, os outros 7 mandou-os todos à escola sem posses nenhuma, houve muitas famílias por ai quem nem mandava os filhos para a escola, não brincavam. Mas eu no fim da escola ia trabalhar nas terras...</i>
7	<i>Não, acho que não, a politica não tinha nada a haver, jogar é só jogar era o que nós gostavamos.</i>
8	<i>Agente não tinha cultura, não percebíamos de nada e limitávamos a ocupar na azafama do trabalho...</i>
9	<i>Era o tempo de Salazar, o meu pai era todo contra o Salazar, a minha mãe dizia-me – ó Jorge não digas nada a ninguém se não levam o pai preso.</i>
10	<i>Eu não brincava, no sitio em que fui criado não havia vagar para brincar, era trabalhar, tratar dos animais, os mais velhos mandavam e nós fazíamos. Agora as crianças brincam demais.</i>

Apêndice 3

Matriz de Categorias, subcategorias e indicadores

Qual a ideia que têm da situação política do país durante a sua infância/adolescência?

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Discurso	Nº
Situação Política	Consciência da situação política	Desinteresse político (I2,I3,I5,I6,I8)	<p><i>“Não, não tenho, nunca me interessei por política.” (I1)</i></p> <p><i>“Mas eu não percebia nada das conversas, nem queria perceber.” (I3).</i></p> <p><i>“Éramos cachopos não sabíamos muito bem.” (I5)</i></p> <p><i>“sabia que havia qualquer coisa, mas não sabia de nada...” (I6)</i></p> <p><i>Nós não sabíamos nada de política (I8)</i></p>	5
		Censura, sentimento de medo perante a situação política (I2,I3,I9,I10)	<p><i>“É difícil, as pessoas sabem lá como era. Eu vivi lá 23 anos sempre com o coração nas mãos...” (I2)</i></p> <p><i>“Sei que uma vez fugi deles...” (I3)</i></p> <p><i>“Não havia liberdade...” (I9)</i></p> <p><i>“Nessa altura não havia política nenhuma, era o Salazar que mandava...” (I10)</i></p>	4
		Discriminação (I2,I4,I6)	<p><i>“...porque não liguei e não forneci os dados que deveria ter fornecido e devido a essa situação política fui prejudicado...” (I2)</i></p> <p><i>“... apesar de haver um bocado, de, as pessoas serem perseguidas.” (I4)</i></p> <p><i>...A minha formação era tão pequena, tão pouca que eu não podia pertencer a esses assuntos. (I6)</i></p>	3
		Maiores dificuldades (I4,I6,I7)	<p><i>“Portanto, era o Salazar, era pior do que é hoje...” (I4)</i></p> <p><i>“...mais tarde quando começo a ser homem e começo a ser explorado” (I6)</i></p> <p><i>“É um bocado difícil de falar, era mais fechada” (I7)</i></p>	3
		Relação com o trabalho (I8)	<i>“...era trabalhar ajudar os meus irmãos e guardar o gado” (I8)</i>	1

Matriz de Categorias, subcategorias e indicadores

Qual o papel da mulher na sociedade portuguesa da época?

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Discurso	Nº
A Mulher na Sociedade	Papel	Com a função de trabalhar (I3,I8,I9)	“...era trabalhadora...”(I3) “A mulher trabalhava na agricultura lá na minha zona, tal e qual como o homem”(I8) “...e o trabalho”(I9)	3
		Com a função de educar (I4,I9)	“tomar conta dos filhos...”(I4) “...e os filhos”(I9) “tomar conta dos filhos”(I4)	3
		Domésticas (I4,I9)	“e da casa...”(I4) “...era a casa”(I9)	2
	Estatuto	Injustiçada socialmente (I1,I4,I10)	“Era diferente, a mulher coitada”(I1) “A mulher era uma escrava”(I4) “...a mulher não mandava nada, o homem é que mandava tudo, tens de fazer isto e era assim.”(I10)	3
		Vítimas de maus-tratos (I4)	“Coitadas a maior parte delas até levava pancada...”(I4) “quer dizer algumas tinham respeito pela força, também havia esse problema”(I4).	2
		Respeitada (I2,I3,I6,I9)	“...é um papel essencial, pra mim a mulher foi e será a trave da família...”(I2) “Conheci a minha mulher que me ajudou muito”(I3) “tinha um papel fundamental, a mulher é que ajudava o homem”(I6) “a mulher fazia tudo, era a casa e o trabalho e os filhos, a mulher era para tudo.”(I9)	4
	Não responde	Recusa abordar o assunto (I5)	“Não percebo nada disso, não quero falar.”(I5)	1

Matriz de Categorias, subcategorias e indicadores

Essa situação condicionava de alguma forma o tipo de jogos, brinquedos e brincadeiras que praticavam?

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Discurso	Nº
Condicionantes da actividade lúdica	Política como condicionante da actividade lúdica	Medo Opressão (I4)	<i>“...e então as pessoas coitadas tinham medo de brincar.”(I4)</i>	1
		Pobreza (I5,I6)	<i>“...nós roubávamos os brinquedos uns aos outros...”(I5)</i> <i>“...sem posses nenhuma, houve muitas famílias por ai quem nem mandava os filhos para a escola...”(I6)</i>	2
		Não Condicionava (I1,I7)	<i>“Não, brincar é brincar”(I1)</i> <i>“Não, acho que não, a politica não tinha nada a haver”(I7)</i>	2
	Possíveis Motivos	Trabalho (I5,I8,I10)	<i>“Não tinha tempo para brincar, tinha de estar na fazenda ou na oficina.”(I5)</i> <i>“...não percebíamos de nada e limitávamos a ocupar na azafama do trabalho...”(I8)</i> <i>“...no sitio em que fui criado não havia vagar para brincar, era trabalhar...”(I10)</i>	3
		Proibição dos pais (I6)	<i>“...só não brinquei mais porque o meu pai não me deixava,...”(I6)</i>	1

Apêndice 4

Jogos referidos pelos entrevistados

Jogos	Idoso1	Idoso2	Idoso3	Idoso 4	Idoso5	Idoso6	Idoso7	Idoso8	Idoso9	Idoso10	Total
Xinquilho	X	X	X	X			X		X		6
Berlinde		X				X				X	3
Aros e gancheta		X				X					2
Corridas		X			X			X			3
Matraquilhos							X				1
Bola			X						X		2
Bota-a-Baixo				X		X		X			3
Bairrada						X					1
Botão				X		X	X				3
Sete e meio				X	X						2
Dominó					X			X			2
Pião						X	X				2
Feijão e do paulito						X					1
Corda						X					1
D'arraia/Macaca								X			1
Cartas								X		X	2
Lenço									X		1
Caricas									X		1
Prego									X		1
Policias e ladrões									X		1
Total											39

Apêndice 5

Brincadeiras referidas pelos entrevistados

Brincadeiras	Idoso 1	Idoso 2	Idoso 3	Idoso 4	Idoso 5	Idoso 6	Idoso 7	Idoso 8	Idoso 9	Idoso 10	Total
Carros de ladeira		X									1
Tocar música	X										1
Telefones		X									1
Banhos no Mouchão		X				X	X	X			4
Pesca		X		X		X					3
Moeda ao fundo		X									1
Mergulho		X						X			2
Ir aos ninhos		X									1
Futebol dentro do rio				X							1
Bicicleta				X							1
Ver as raparigas escondidos					X						1
Cinema							X				1
Manuel vai dormir à mata								X			1
Cavalitas								X			1
Atirar pedras		X					X				2
Total											22

Apêndice 6

Brinquedos referidos pelos entrevistados

Brinquedos	Idoso 1	Idoso 2	Idoso3	Idoso 4	Idoso 5	Idoso 6	Idoso 7	Idoso 8	Idoso 9	Idoso 10	Total
Carros de ladeira	X	X									2
Camionetas à nossa maneira			X								1
Chávenas			X								1
Cavalos com rodas			X								1
Burro numa nora			X								1
Bola de trapos						X	X				2
Pião			X			X					2
Carroça										X	1
Total											11

Apêndice 7

Matriz de Categoria de Jogos

Classificação de Cameira Serra

Categorias	Classificação	Indicador	Discurso	N
Quanto à acção	Corridas e perseguição	Corridas (I2,I5,I8) Bairrada (I6)	<i>“fazia-se um risco ao meio e corríamos em direcção uns aos outros o primeiro a chegar ao meio ganhava.” (I6)</i>	4
	Com bola	Bola (I3,I9)	<i>“uma vez estávamos a jogar à bola na rua e foram lá os polícias a nossa casa pedir satisfação aos nossos pais, foi uma complicação, era no tempo de Salazar” (I9)</i>	2
	De descoberta	Moedinha (I4) Lenço (I9) Botão (I4,I6,I7) Policias/ladrões(I9)	<i>“era pares ó nules, se escolhesse pares e calhasse ganhava, tínhamos os botões na mão, depois escolhíamos pares ó nules, se os botões todos dessem pares quem tivesse escolhido pares ganhava os botões.” (I4)</i>	6
	De lançamento e precisão	Xinquilho (I1,I2,I3,I4,I7,I9) Caricas (I9) Prego (I9) Pião (I6,I7) Feijão e do paulito (I6,I7) Berlinde(I2,I6,I10)	<i>“...o Xinquilho era com os palitos um de cada lado e depois com as malhas...” (I3)</i> <i>“era à roda bate-fora, com uma roda, era tentar rachar os piões dos outros” (I6)</i>	15
	De locomoção	Aros e gancheta (I2,I6) D´arraia/Macaca(I8)	<i>“O jogo dos aros, éramos muitos prái uns 14 ou 15, fazia-mos corridas de Almajões a Pernes,...” (I2)</i>	3
	De saltos	Bota-a-Baixo (I4,I6,I8) Corda (I6)	<i>“A malta começava a correr e aquele que fosse agarrado é que tinha de se encostar à parede para os outros saltarem para cima dele.” (I4)</i>	4
	De mesa	Matraquilhos (I7) Sete e meio (I4,I5) Dominó (I5,I8) Cartas (I8,I10)	<i>“tinha-se de fazer uma quina e um duque, e a mim calhava-me sempre o duque, por isso é que a minha alcunha é o duque, ainda hoje me chamam assim.” (I5)</i>	7

Quanto aos materiais	Sem materiais	Corridas (I2,I5,I8) Bota-a-Baixo (I4,I6,I8) Matraquilhos (I7) Sete e meio (I4,I5) Dominó (I5,I8) Cartas (I8,I10) Policias/ladrões(I9)	Não existem	14
	Com madeira	Xinquilho (I1,I2,I3,I4,I7,I9) Pião (I6,I7) Feijão e do paulito (I6,I7)	<i>“os palitos fazia-mos nós era madeira agora o ferro não...” (I3)</i> <i>“Fazia-mos berlindes de madeira e jogávamos ao berlinde.” (I6)</i> <i>“era só o pião era torneado, levava madeira” (I7)</i>	10
	Materiais Reaproveitados	Caricas (I9) Prego (I9) Aros e gancheta (I2,I6)	<i>“quando não tínhamos ferro fazíamos as rodas em arame...” (I2)</i> <i>Lembro-me de correr as tabernas à procura de caricas de gasosa, tinha uma caixa cheia.” (I9)</i>	4
	Com bolas	Bola (I3,I9) Berlinde(I2,I6,I10)	<i>“era a bola de borracha.” (I9)</i>	5
	Outros	Bairrada (I6) Moedinha (I4) Lenço (I9) Botão (I4,I6,I7) D´arraia/Macaca(I8) Corda (I6)	<i>“fazia-se um risco ao meio” (I6)</i> <i>“botão, que nós arrancava-mos da roupa e jogávamos” (I6)</i> <i>“Nós fazíamos era riscos e desenhávamos coisas no chão, e até servia de uns dias para os outros.” (I8)</i>	8

Apêndice 8

Matriz de Categoria de Brincadeiras

Categorias	Classificação	Indicadores	Discurso	N
Quanto à acção	Rítmicos	Tocar música (I1) Manuel vai dormir à mata (I8)	<i>“Tocava-mos era para as raparigas, mas elas não tocavam connosco, as raparigas iam era para o teatro, nas nós era para a paródia...” (I1)</i> <i>“Bola vem, bola vai - Sarnico tico tico, bola vem olá vai, ou de prata ou de ouro, vai dormir à mata.” (I8)</i>	2
	Corridas e perseguição	Carros de ladeira (I1)	<i>“Eram uns carros com que fingíamos conduzir...” (I1)</i>	1
	Dramatização	Telefones (I2) Cinema (I7)	<i>“...telefones, roubávamos linhas às nossas mães e depois conversávamos a partir das caixas de fósforos.” (I2)</i> <i>Fazer bandas desenhadas e fazer mentiras., fazia duma caixa o ecrã de televisão e com a fita de papel ia passando os desenhos e explicávamos a história, brincava-mos.” (I7)</i>	2
	Lançamentos e precisão	Atirar pedras (I2,I7)	<i>“Era atirar pedras, a ver qual é que ia mais longe, era fazer asneiras às vezes....” (I2)</i>	2
	Descoberta	Ir aos ninhos (I2) Policias e ladrões (I9)	<i>“Iamos aos ninhos, era destruir, quando me deram a espingarda de pressão de ar é que foi...” (I2)</i>	2
	Locomoção	Bicicleta (I4) Cavalitas (I8)	<i>“gostava de andar de bicicleta ir ver a bola de bicicleta.” (I4)</i>	2
	Relacionados com o Rio	Banhos no Mouchão (I2,I6,I7,I8) Pesca (I2,I4,I6) Moeda ao fundo	<i>“mas a nadar, sempre a nadar...íamos ali abaixo e nadávamos todos nus e também pescávamos e pronto era a brincadeira.” (I7)</i>	12

		(I2) Mergulho(I2,I8) Futebol dentro do rio (I4) Ver as raparigas escondidos (I5)	<i>“Não havia regras nenhuma, valia tudo nós subíamos aos sítios mais altos e saltávamos para o Rio. Também se atirava uma moeda para o fundo e íamos lá busca-la.” (I6)</i> <i>“os banhos no Mouchão, tanto que eu gostava da pesca e do mergulho” (I6)</i>	
--	--	---	---	--

Apêndice 9

Matriz de Categoria de Brinquedos

Categorias	Classificação	Indicadores	Discurso	N
Industrializados	-	-		0
Artesanais	Madeira	Carros de Ladeira (I1,I2) Camionetas à nossa maneira (I3) Cavalo com Rodas (I3) Burro numa Nora (I3) Pião (I3,I6) Carroça (I10)	<i>“Era tradicional, que os torneiros faziam e depois davam-nos” (I1)</i> <i>“Não fazíamos uma de cada vez, fazíamos muitas, era logo à meia-dúzia, cortávamos a madeira depois alisávamos e pregávamos e toca a andar, nem era pregada era colada.” (I3)</i> <i>“era o que fazia, trabalhava nos torneados.” (I3)</i> <i>“...tudo em madeira.” (I3)</i> <i>“toda agente jogava ao pião,” (I3)</i> <i>“Era artesanal, usávamos arames, fazíamos os buracos com pregos.” (I10)</i>	8
	Outros	Bola de Trapos (I6,I7)	<i>“Era tudo artesanal, recorriamos à improvisação, e construíamos tudo.” (I7)</i> <i>“A bola de trapos, roubávamos meias em casa e enchia-mos a meia com trapos e jogávamos, uns com os outros, fazia-mos a própria bola.” (I7)</i>	2

Apêndice 10

QUADROS SÍNTESE DOS JOGOS

Quadro Síntese 1 – Jogo do Xinquilho/Malha

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	“Era de madeira e de ferro, os palitos fazia-mos nós era madeira agora o ferro não...” (I3)
Modo de jogar	<p>“Jogávamos às equipas de 2 ou de 3, era conforme.” (I1)</p> <p>“Era sempre da mesma maneira, mas às vezes não ponhamos as gatas.” (I1)</p> <p>“...era a alagar os paulitos” (I1,I2,I4)</p> <p>“O Xinquilho era com os paulitos e com as malhas e jogávamos até aos 24 tentos e depois ponhamos as gatas, uma à frente e outra atrás dos paulitos.” (I1)</p> <p>“...o Xinquilho era com os palitos um de cada lado e depois com as malhas...” (I3)</p> <p>“Era como calhasse...” (I7)</p> <p>“Eram inventados por nós, as regras eram conforme agente achasse melhor” (I7)</p>
Os intervenientes	<p>“Era com os outros” (I1,I2)</p> <p>“Eram todos” (I1,I2,I3)</p> <p>“Toda a gente, os amigos...” (I3)</p> <p>“Com os meus amigos todos... eu aprendia a jogar com a brincadeira...os mais velhos é que sabiam tudo.” (I7)</p>
Local de realização	<p>“Ao pé das tabernas, lá no rossio” (I1)</p> <p>“Era onde calhasse...No tempo da escola...” (I3)</p>
Quando jogava	“No fim do trabalho, no Verão.” (I1)
Época do ano	“Era na rua, no verão, mas no Inverno jogávamos outros...” (I7)
Aprendizagem	<p>“Vi-a era os mais velhos a jogar à malha e ao xinquilho” (I7)</p> <p>“É difícil lembrar-me, mas nós inventávamos tudo” (I7)</p>
Tipos de Castigo	Não menciona

Quadro Síntese 2 – Jogo do Berlinde

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	“Fazia-mos berlindes de madeira e jogávamos ao berlinde.” (I6)
Modo de jogar	“Havia as embocas e era assim” (I10) “Era acertar no berlinde dos outros” (10)
Os intervenientes	“Eram os que havia 4 ou 5.”(10)
Local de realização	“Era sempre na rua, e na escola, no intervalo...” (I6) “Era nas ruas, jogávamos isso era nas ruas, no rossio, não tínhamos outros espaços” (I6)
Quando jogava	-
Época do ano	-
Aprendizagem	“Ó, o berlinde aprende-se sozinho. Alguém da família comprava berlindes e depois jogava-se.” (I10)
Tipos de Castigo	Não menciona

Quadro Síntese 3 – Jogo dos Aros e gancheta

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	“Era de madeira e com rodas de ferro, quando não tínhamos ferro fazíamos as rodas em arame...” (I2)
Modo de jogar	“O jogo dos aros, éramos muitos prái uns 14 ou 15, fazia-mos corridas de Almajões a Pernes,...” (I2)
Os intervenientes	“Toda a gente, os amigos...” (I2)
Local de realização	“Era onde calhasse...” (I2)
Quando jogava	“No tempo da escola...” (I2)
Época do ano	“No tempo da escola...” (I2)
Aprendizagem	-
Tipos de Castigo	“...os que perdiam tinham de dar cigarros ao vencedor, depois os pais sabiam e originava porrada” (I2)

Quadro Síntese 4 – Jogo das Corridas

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	Não existe
Modo de jogar	“era subir por ai a cima...” (I2)
Os intervenientes	“Era os meus amigos” (I8) “...eram todos às vezes disputávamos os da Chã com os do Outeiro.” (I8)
Local de realização	“Era na rua, no largo da Chã de Baixo, ou no Outeiro” (I8)
Quando jogava	-
Época do ano	-
Aprendizagem	“Era o jogo das corridas para os mais novos” (I8)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 5 – Jogo da Bola

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	“era a bola de borracha.” (I9)
Modo de jogar	“era 5 contra 5 ó 4 contra 4.” (I3)
Os intervenientes	-
Local de realização	“Era na rua, uma vez estávamos a jogar à bola na rua e foram lá os polícias a nossa casa pedir satisfação aos nossos pais, foi uma complicação, era no tempo de Salazar” (I9)
Quando jogava	“nos intervalos da escola. Era viciado na bola.” (I9)
Época do ano	-
Aprendizagem	“Com os meus amigos todos... eu aprendia a jogar com a brincadeira...os mais velhos é que sabiam tudo.” (I3)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 6 – Jogo do Bota-a-Baixo

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	Não existem
Modo de jogar	<p>“A malta começava a correr e aquele que fosse agarrado é que tinha de se encostar à parede para os outros saltarem para cima dele.” (I4)</p> <p>“Jogo da bota-a-baixo, íamos a saltos ou com a moeda, combinávamos e escolhíamos, e jogávamos assim, um encostado à parede com a cabeça e saltávamos uns para cima uns dos outros. Mas depois havia aqueles que saltavam mal e vinham os outros que saltavam em cima deles e eles caíam e perdiam.” (I6)</p>
Os intervenientes	<p>“Era toda a gente” (I4)</p> <p>“Era 5 ou 6 rapazes” (I6)</p>
Local de realização	“Acho que era na altura da escola e mais nada.” (I4)
Quando jogava	“Com os outros miúdos lá da escola.” (I6)
Época do ano	“Quando chovia, era mais complicado brincar.” (I8)
Aprendizagem	“Era uns com os outros e com os mais velhos.” (I6)
Tipos de Castigo	“o que não dizia bota-a-baixo, levava porrada dos outros todos.” (I6)

Quadro Síntese 7 – Jogo da Bairrada

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	“fazia-se um risco ao meio” (I6)
Modo de jogar	“Jogo da Bairrada, que era, dois grupos, 4 daqui e 4 dacolá, dois grupos iguais, e era desviar 20, 3,0 40, metros uns dos outros, fazia-se um risco ao meio e corríamos em direcção uns aos outros o primeiro a chegar ao meio ganhava.” (I6)
Os intervenientes	“Era uns com os outros e com os mais velhos.” (I6)
Local de realização	“Era nas ruas, jogávamos isso era nas ruas, no rossio, não tínhamos outros espaços” (I6)
Quando jogava	“Era sempre na rua, e na escola, no intervalo...” (I6)
Época do ano	-
Aprendizagem	“com os mais velhos.” (I6)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 8 – Jogo do Botão

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	“Era o jogo do botão, que nós arrancava-mos da roupa e jogávamos” (I6)
Modo de jogar	“era pares ó nules, se escolhesse pares e calhasse ganhava, tínhamos os botões na mão, depois escolhíamos pares ó nules, se os botões todos dessem pares quem tivesse escolhido pares ganhava os botões.” (I4)
Os intervenientes	“Era uns com os outros e com os mais velhos.” (I4) “Era toda a gente” (I7)
Local de realização	“Era sempre na rua, e na escola, no intervalo...” (I6)
Quando jogava	“e na escola, no intervalo...” (I6)
Época do ano	“Era na rua, no Verão.” (I7)
Aprendizagem	-
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 9 – Jogo do Sete e meio

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	Baralho de cartas
Modo de jogar	“tinha-se de fazer uma quina e um duque, e a mim calhava-me sempre o duque, por isso é que a minha alcunha é o duque, ainda hoje me chamam assim.” (I5)
Os intervenientes	“Eram 4 ou 5 é conforme se ajuntavam” (I5)
Local de realização	“Era na rua, no rossio, era na escola, era onde calhava...” (I5)
Quando jogava	“Era quando tínhamos vagar...” (I5)
Época do ano	-
Aprendizagem	“Agente aprende uns com os outros, mas aprende maluqueiras, e outras coisas mais, o mundo é mesmo assim.” (I5)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 10 – Jogo do Pião

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	“era só o pião era torneado, levava madeira e o bico de ferro” (I7)
Modo de jogar	“era à roda bate-fora, com uma roda, era tentar rachar os piões dos outros” (I6)
Os intervenientes	Era só rapazes, mas às vezes também havia raparigas, algumas ajeitavam-se para o pião. (I7) “Era o pião, toda agente jogava ao pião” (I6)
Local de realização	“Era sempre na rua, e na escola, no intervalo...” (I7)
Quando jogava	“no intervalo...” (I7)”
Época do ano	“aqui é uma terra de fazer piões” (I6)
Aprendizagem	“Era uns com os outros e com os mais velhos.” (I7)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 11 – Jogo do Feijão e do paulito

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	“dois paus em madeira e lançávamos um bocado de madeira ou malhas” (I6)
Modo de jogar	“este era dois paus em madeira e lançávamos um bocado de madeira ou malhas” (I6) “Sei que há um círculo redondo ou um quadrado, depois pegávamos na malha e lançava-mos e o que ficasse tapado ganhava.” (I7)
Os intervenientes	“Era uns com os outros e com os mais velhos.” (I6)
Local de realização	-
Quando jogava	-
Época do ano	“Era na rua, no Verão.” (I7)
Aprendizagem	“Era uns com os outros e com os mais velhos.” (I7)
Tipos de Castigo	

Quadro Síntese 12 – Jogo da D´arraia/Macaca

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	“Nós fazíamos era riscos e desenhávamos coisas no chão, e até servia de uns dias para os outros. Ficava lá desenhado, no jogo d´arraia.” (I8)
Modo de jogar	“Jogava-se muito, aqui na escola jogávamos uns com os outros é uma espécie do jogo da macaca, era assim feito com riscos no chão íamos ao pé-coxinho e dávamos meia volta no ar sem pisar os riscos e tal e era assim, o que fizesse melhor ganhava.” (I8)
Os intervenientes	“Era as que apareciam, jogavam todos e repetiam. Aquele que melhor fizesse era aquele que ganhava, ainda hoje é assim.” (I8) “O jogo d´arraia era tudo à mistura, rapazes e raparigas.” (I8)
Local de realização	“Era na rua, no largo da Chã de Baixo, ou no Outeiro” (I8)
Quando jogava	“Quando chovia, era mais complicado brincar.” (I8)
Época do ano	-
Aprendizagem	“os meus amigos, eram todos” (I8)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 13 – Jogo do Prego

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	Prego grande
Modo de jogar	“com um risco tínhamos de espetar o prego na areia que era grande para lá do risco.” (I9)
Os intervenientes	“Estes jogos eram mistos, talvez fossem as raparigas que jogassem mais.” (I9)
Local de realização	“na areia” (I9)
Quando jogava	-
Época do ano	-
Aprendizagem	-
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 14 – Jogo das Caricas

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	Caricas
Modo de jogar	“fazíamos um circuito e depois era a empurrar a carica para conseguir acabar o circuito. Lembro-me de correr as tabernas à procura de caricas de gasosa, tinha uma caixa cheia.” (I9)
Os intervenientes	“mas só brincava com rapazes...” (I9)
Local de realização	“jogávamos num varão de escalas” (I9)
Quando jogava	-
Época do ano	-
Aprendizagem	-
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 15 – Jogo do Lenço

Elementos Descritivos do jogo	Descrição
Materiais utilizados	Lenço
Modo de jogar	“a ver quem é que apanhava primeiro o lenço”(I9)
Os intervenientes	“mas só brincava com rapazes...” (I9)
Local de realização	“jogávamos num varão de escalas” (I9)
Quando jogava	-
Época do ano	-
Aprendizagem	-
Tipos de Castigo	-

QUADRO DE SÍNTESE DAS BRINCADEIRAS

Quadro Síntese 1 – Brincadeira dos Telefones

Elementos Descritivos da Brincadeira	Descrição
Materiais utilizados	<p>“...telefones, roubávamos linhas às nossas mães e depois conversávamos a partir das caixas de fósforos.” (I2)</p> <p>Com tudo, com caixas de fósforos e fios de nylon, esses e que eram bons...” (I2)</p> <p>“Materiais reciclados, quer dizer, aproveitávamos de tudo para fazer os jogos.” (I2)</p>
Modo de Brincar	<p>“Jogo dos telefones, com caixas de fósforos e dois fios de linha, ligavam-se à caixa e a partir daí nós brincávamos telefonando uns aos outros.” (I2)</p>
Os intervenientes	<p>“Com as outras crianças, com os mais velhos.” (I2)</p> <p>“Era todos...”(I2)</p>
Local de realização	Não menciona
Quando brincava	“No verão é que se brincava mais” (I2)
Época do ano	“No verão é que se brincava mais” (I2)
Aprendizagem	“Com as outras crianças, com os mais velhos.” (I2)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 2 – Brincadeira de Tocar Música

Elementos Descritivos da Brincadeira	Descrição
Materiais utilizados	“eu gostava era de tocar música com o saxofone e com o trompete” (I1)
Modo de Brincar	“Tocava-mos era para as raparigas, mas elas não tocavam connosco, as raparigas iam era para o teatro, nas nós era para a paródia...” (I1)
Os intervenientes	“mas eu gostava era da música, muito eu toquei nas parodias com a rapaziada toda....” (I1)
Local de realização	...Mas grandes tardes de música que tínhamos todos juntos, era no tempo em que a Musica Velha tinha a Banda e iam todos por ai fora tocar. Era as paródias em frente á taberna, tocava-mos à desgarrada uns com os outros, nunca parava-mos....(I1)
Quando Brincava	“Era toda a tarde a tocar” (I1)
Época do ano	“Era mais no Verão...” (I1)
Aprendizagem	“A tocar era dias e noites inteiros sem parar....” (I1) Não estava a trabalhar, combinava-mos e juntávamo-nos para tocar...” (I1)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 3 – Brincadeira dos Banhos no Mouchão

Elementos Descritivos da Brincadeira	Descrição
Materiais utilizados	Não existem
Modo de Brincar	<p>“Não havia regras nenhuma, nós subíamos aos sítios mais altos e saltávamos para o Rio. Também se atirava uma moeda para o fundo e íamos lá busca-la.” (I6)</p> <p>“os banhos no Mouchão, tanto que eu gostava da pesca e do mergulho” (I6)</p> <p>“Brincávamos muito no rio, era com uma bola, jogávamos futebol dentro do rio. Era pescarias, havia muito peixe no rio, eu gostava muito.” (I7)</p> <p>“mas a nadar, sempre a nadar...íamos ali abaixo e nadávamos todos nus e também pescávamos e pronto era a brincadeira.” (I7)</p>
Os intervenientes	“Eram todos...”(I8)
Local de realização	“íamos para o Rio Centeio, os banhos no Mouchão” (I2)
Quando brincava	No verão é que se brincava mais...” (I2)
Época do ano	“No verão é que se brincava mais” (I2)
Aprendizagem	“O rio faz-me lembrar de brincadeiras, havia muita água no rio e era límpida, e brincávamos dentro do rio a nadar, aprendi lá a nadar.” (I8)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 4 – Brincadeira do Cinema

Elementos Descritivos da Brincadeira	Descrição
Materiais utilizados	“Era tudo artesanal, recoríamos à improvisação, e construíamos tudo.” (I7) “Conforme, usávamos chapa, cartão prensado, madeiras...” (I7)
Modo de Brincar	“Era o cinema, também gostava muito. Fazer bandas desenhadas e fazer mentiras., fazia duma caixa o ecrã de televisão e com a fita de papel ia passando os desenhos e explicávamos a história, brincava-mos.” (I7)
Os intervenientes	“Nós brincávamos com os mais velhos” (I7)
Local de realização	“Era na rua,” (I7)
Quando brincava	-
Época do ano	“Era na rua, no Verão.” (I7)
Aprendizagem	“Não sei. Nós brincávamos com os mais velhos e aprendíamos com eles.” (I7)
Tipos de Castigo	-

Quadro Síntese 5 – Brincadeira do Manuel vai dormir à mata

Elementos Descritivos da Brincadeira	Descrição
Materiais utilizados	-
Modo de Brincar	<p>“Havia também o jogo da bola vai, bola vem... do Manel vai dormir à mata, era aquele que calhasse levava os outros às costas” (I8)</p> <p>Cantiga</p> <p>“Bola vem, bola vai - Sarnico tico tico, bola vem olá vai, ou de prata ou de ouro, vai dormir à mata.” (I8)</p> <p>Onde acabasse o último esse saia, o último levava os outros às cavalitas.” (I8)</p>
Os intervenientes	“jogávamos uns com os outros” (I8)
Local de realização	“Jogava-se muito, aqui na escola” (I8)
Quando brincava	“Jogava-se muito, aqui na escola” (I8)
Época do ano	“aqui na escola” (I8)
Aprendizagem	Não menciona
Tipos de Castigo	-

QUADRO DE SÍNTESE DOS BRINQUEDOS

Quadro Síntese 1 – Brinquedo dos Carros de Ladeira

Elementos descritivos do brinquedo	Descrição
Materiais	<i>“Era de madeira” (I1)</i>
Confeção	<i>“Eu não, era lá nas oficinas dos torneados é que iam pedir...” (I1)</i> <i>“Éramos muitos, os homens das oficinas davam-nos” (I1)</i> <i>“Era tradicional, que os torneiros faziam e depois davam-nos” (I1)</i>
Quem confecciona	<i>“que os torneiros faziam e depois davam-nos” (I1)</i>
Modo de brincar	<i>“Eram uns carros com que fingíamos conduzir...” (I1)</i>
Brincava sozinho ou acompanhado	Não menciona
Local da brincadeira	<i>“Era em casa” (I1)</i>

Quadro Síntese 2 – Brinquedo das Camionetas à nossa maneira

Elementos descritivos do brinquedo	Descrição
Materiais	<i>“Nunca brinquei com brinquedos de madeira mas fiz muitos” (I3)</i>
Confeção	<i>“...nós é que fazíamos as camionetas à nossa maneira e pintávamo-las.” (I3)</i> <i>“Era as camionetas com corda a andar, de maneira que era assim...” (I3)</i> <i>“Não fazíamos uma de cada vez, fazíamos muitas, era logo à meia-dúzia, cortávamos a madeira depois alisávamos e pregávamos e toca a andar, nem era pregada era colada. Juntávamo-nos todos e construíamos...” (I3)</i>
Quem confecciona	<i>“Éramos nós todos...” (I3)</i>
Modo de brincar	<i>“era o que fazia, trabalhava nos torneados.” (I3)</i>
Brincava sozinho ou acompanhado	<i>“Éramos nós todos...” (I3)</i>
Local da brincadeira	<i>“ia logo para a oficina...” (I3)</i>

Quadro Síntese 3 – Brinquedo do Cavalo com Rodas

Elementos descritivos do brinquedo	Descrição
Materiais	“...tudo em madeira.” (I3) “fiz tanta coisa em madeira...” (I3)
Confeção	“Não fazíamos uma de cada vez, fazíamos muitas, era logo à meia-dúzia, cortávamos a madeira depois alisávamos e pregávamos e toca a andar, nem era pregada era colada.” (I3)
Quem confecciona	“Manuel Grande era o melhor torneiro que apareceu aí, ele é que sabia fazer tudo...” (I3)
Modo de brincar	“Eu vendia era muitos, inventava-os e vendia-os...” (I3)
Brincava sozinho ou acompanhado	“Éramos nós todos...” (I3)
Local da brincadeira	“ia logo para a oficina...” (I3)

Quadro Síntese 4 – Brinquedo Burro numa Nora

Elementos descritivos do brinquedo	Descrição
Materiais	“...tudo em madeira.” (I3) “fiz tanta coisa em madeira...” (I3)
Confeção	“Era tudo artesanalmente, até uma certa altura, depois havia cá em Pernes um torneiro que fazia a andar à roda que era um burro numa nora à corda, aquilo tinha os dentes, não era e ponha-se no mastro para se tornear...” (I3)
Quem confecciona	“Não me lembro de ter muitos brinquedos, comecei a trabalhar muito novo, a minha mãe estava a trabalhar e então de vez enquanto experimentava o torno e lá ia fazendo coisas...” (I3)
Modo de brincar	“Juntávamo-nos todos e construíamos...” (I3)
Brincava sozinho ou acompanhado	“Éramos nós todos...” (I3)
Local da brincadeira	“ia logo para a oficina...” (I3)

Quadro Síntese 5 – Brinquedo das Bolas de Trapos

Elementos descritivos do brinquedo	Descrição
Materiais	<i>“Era tudo artesanal, recorriamos à improvisação, e construíamos tudo.” (I7)</i>
Confeção	<i>“A bola de trapos, roubávamos meias em casa e enchíamos a meia com trapos e jogávamos, uns com os outros, fazia-mos a própria bola.” (I7)</i>
Quem confecciona	<i>“fazia-mos a própria bola.” (I7)</i>
Modo de brincar	<i>“Acompanhado, sempre” (I7)</i>
Brincava sozinho ou acompanhado	<i>“Era uns com os outros e com os mais velhos.” (I7)</i> <i>“Nós brincávamos com os mais velhos e aprendíamos com eles.” (I7)</i>
Local da brincadeira	<i>“Era na rua, no largo da escola.” (I7)</i>

Quadro Síntese 6 – Brinquedo do Pião

Elementos descritivos do brinquedo	Descrição
Materiais	<i>“Eram todos artesanais, industrializados era só o pião era torneado, levava madeira e o bico de ferro” (I3)</i>
Confeção	<i>aquilo tinha os dentes, não era e ponha-se no mastro para se tornear...”(I3)</i>
Quem confecciona	<i>enquando experimentava o torno e lá ia fazendo coisas...” (I3)</i>
Modo de brincar	<i>“Era o pião, toda agente jogava ao pião, era à roda bate-fora, com uma roda, era tentar rachar os piões dos outros” (I6)</i>
Brincava sozinho ou acompanhado	<i>“toda agente jogava ao pião,” (I3)</i> <i>“mas às vezes também havia raparigas algumas ajeitavam-se para o pião.” (I6)</i>
Local da brincadeira	<i>“Era sempre na rua, e na escola, no intervalo...” (I3)</i>

Quadro Síntese 7 – Brinquedo da Carroça

Elementos descritivos do brinquedo	Descrição
Materiais	<i>“Com a lata de conserva, ponhamos o arame por baixo e colocávamos umas rodas e depois fazíamos a carroça.” (I10)</i>
Confecção	<i>“Era artesanal, usávamos arames, fazíamos os buracos com pregos.” (I10)</i>
Quem confecciona	<i>“Era eu. E ainda hoje se tivesse os materiais fazia uma carroça bonita para algum miúdo brincar.” (I10)</i>
Modo de brincar	<i>“Eu gostava muito dos carros e das carroças que fazia, perdi muito tempo a fazer as carroças, mas brincava muito.” (I10)</i>
Brincava sozinho ou acompanhado	<i>“Era com os amigos.” (I10) “Era sozinho e com amigos.” (I10)</i>
Local da brincadeira	<i>“Era na rua do campo, em frente da casa e na escola também.” (I10)</i>

Apêndice 11

Quadro 1.1 - Local de Realização dos Jogos

Jogos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Casa	X										1
Rua				X	X	X	X	X	X	X	7
Escola		X	X	X	X	X	X			X	7
Rossio	X				X	X					3
Taberna	X								X		2

Quadro 1.2 - Local de Realização das Brincadeiras

Brincadeiras	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Música Velha	X										1
Rua	X				X	X	X	X	X	X	7
Escola			X			X	X	X		X	5
Rio Alviela		X		X	X	X	X	X			6
Oficina			X								1

Quadro 2.1 - Tempos Destinados aos Jogos

Jogos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Tempo da escola		X				X	X		X		4
Depois do trabalho	X		X		X						3
Verão	X						X				2

Quadro 2.2 - Tempos Destinados às Brincadeiras

Brincadeiras	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Tempo da escola								X			1
Depois do trabalho	X		X			X			X		4
Verão		X		X	X		X	X		X	6

Quadro 3.1 - Intervenientes nos Jogos

Jogos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Rapazes	X	X	X	X	X	X	X			X	8
Raparigas							X	X	X		3
Toda a gente	X	X	X	X	X		X				6

Quadro 3.2 - Intervenientes nas Brincadeiras

Brincadeiras	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Rapazes	X	X					X	X		X	5
Raparigas											0
Toda a gente	X	X		X			X		X		5

Quadro 4.1 - Aprendizagem dos jogos

Jogos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Com os mais velhos	X		X			X	X				4
Uns com os outros		X			X	X	X	X			5
Sozinho											0

Quadro 4.2 - Aprendizagem das Brincadeiras

Brincadeiras	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Com os mais velhos		X					X	X			3
Uns com os outros	X		X		X				X		4
Sozinho						X				X	2